# O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO — Manuel Firmino d'Almeida Maia, Barbosa de Magalhães, J. E. d'Almeida Vilhena, Augusto Ribeiro, Marques Gomes, Alves d'Azevedo, Francisco de Magalhães, e Firmino de Vilhena

ANNO XLV | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS | QUARTA-FEIRA 17 DE JULHO DE 1895 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 4:185



E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.



SUMMARIO:—Novos aggravos.—Ainda o orçamento.—Escola Medico-Cirurgica do Porto.—Mais calote.—Sobre inspecções.—Nova classificação concelhia.—Nova divisão judiciaria.—Carta de Lisboa.—Situação do paiz.—S. Thomé.—Noticias diversas.—Pelo estrangeiro.—Folhetim: Magdalena.—Secção historica.—Communicados.—Parte litteraria.—Noticiario.—Carta de Macieira de Cambra.—Carta de Espinho.


## AVEIRO

## Novos aggravos

O governo continúa na sua odiosa obra de destruição. Não fica pedra sobre pedra nas ruinas da derrocada geral. Vae pelos alicerces todo o magestoso edificio constitucional, erguido sobre os cadaveres e regado pelo sangue dos martyres da liberdade!

Pois que! Para que estão no governo os homens que apostátaram do dever e se divorciaram da lei senão para esmagar nas mãos covardes os direitos d'um povo livre?

A's infracções commettidas em perto de 38 mezes de verdadeira orgia governativa, vem agora juntar-se a maior de todas as violencias imaginadas. E' o assalto á mão armada contra as garantias dos cidadãos. E' o desprezo absoluto pelos protestos de um povo heroico e nobre, que fez o pasmo e a admiração do mundo inteiro, que ditou leis ao mundo, e que é hoje um punhado de escravos dos aventureiros do poder, sem força, sem prestigio, sem valor para sacudir de si o jugo que o avilta, ou para expulsar, como Christo, os vendilhões do templo.

Quando por toda a parte se adopta a descentralisação administrativa como um dos melhores methodos de governo, quando as nações civilisadas, que pelo exemplo se impõem á consideração de todos, caminham á conquista das liberdades como systema unico de existencia compativel com a paz e a tranquilidade que são a felicidade dos povos, em Portugal, sob o imperio do arbitrio e no reinado do filho do constitucional monarcha D. Luiz, o governo apeia do seu altar a estatua da liberdade, cobre de crepes o pedestal em que ella assenta, cospe nas cinzas dos que lhe déram em holocausto o sangue e a vida, e rasga a constituição, que era ainda o laço de união que prendia o povo ás instituições.

Retrogadamos aos primittivos tempos da cupidez e dos crimes sem punição. As Aspasias do governo levam de assalto todos os foros e todas as garantias dos cidadãos, não tardando a levantar de novo nas praças publicas o patibulo que os heroes conquistadores derribaram á custa de muito sacrificio e de muito sangue. Obedecendo ao hediondo plano liberticida que é toda a sua constante preoccupação, essa gente vae de animo feito para a completa destruição do pouco que já nos resta. E' preciso fazel-os retroceder. E' mister dizer-lhes: basta.

Comprehenda o povo o seu dever e responda pela reação á revolução que se urdio no alto contra si.

Os decretos que abaixo publicamos, são o mais profundo golpe na circumscripção administrativa e judicial do paiz. Saiba o paiz acolhel-os com a revolta legal que é mister fazer-se, ou perder-se-ha então para sempre até no conceito estranho.

Vem por emquanto, como balão de ensaio, a classificação concelhia dos districtos de Evora, Guarda e Vianna do Castello.

Se a revolta vingar, o governo cahe e a sua obra morre. Se, pelo contrario, a inacção continua, o governo leva ao fim a sua cruzada feroz, despotica e sanguinaria.

Para taes publicações chamamos a attenção do povo. Elle que proceda agora como melhor lhe convier.

## Ainda o orçamento

Permitta-se-nos que ainda hoje respiguemos em seara alheia, fazendo nossas algumas considerações alheias por entendermos que, embora reduzidas e imperfeitamente alteradas, ainda ficam á altura da gravidade das circumstancias: não podemos inventar sobre o assumpto de que se trata. Não seja tudo calmaria: assim auxiliados continuaremos a discutil-o para que não passe em julgado, pela nossa parte, tudo quanto é illegal e criminoso.

De escalão em escalão, de vergonha em vergonha e sempre no caminho, que em linha recta conduz á mais aviltante desgraça, chegámos finalmente a isto. Um ex-ministro de fazenda, e homem conhecedor da fórma; como, manejando cifras, se arruina um paiz, vem declarar—que nas altas regiões da contabilidade publica *se escripturam receitas, que se não cobram, como aliás se escripturam despezas que se não fazem.* E, embora o mesmo estadista venha depois esclarecer as suas intenções para attenuar as legitimas consequencias, que se tiram d'aquellas suas palavras, é certo, que constituem ellas uma affirmação cathegorica e publica—*de que receitas há que desapparecem depois de cobradas, assim como há despezas a incidir sobre os cofres publicos, as quaes nunca se fizeram.*

A isto chama elle ultimamente, *simples habilidades*, ou *espertezas de máu jaez*!... O que significará a palavra—*probidade*—no diccionario de tão eximio salvador da patria?!...

Mas continuemos:

A verdade é, que, se a escripturação é assim falsificada; se por tal meio se somem os haveres do Estado, por que é que a justiça não averigua de tão nefandos crimes?... Porque é que se castigam as *simples rudezas incriminaveis*, e não hão-de ser severamente punidas as *grandes habilidades*, ou espertezas de tal jaez? E' porque n'este paiz a honra, a dignidade e o brio, são apanagio de poucos; não passam d'uma recordação historica. O alcance pratico da lei é medido cuidadosamente pela bitola das posições sociaes: para os que ficam acima d'um outro nivel, o Codigal penal não tem sancção.

Aqui movem-se execuções por tributos aos desgraçados, e poupam-se os grandes figurões; ha privilegios e monopolios, e, em junho de cada anno, os nossos governantes exhibem umas contas, a que se chama—*orçamento*—pelo qual os *deficits* antigos se transformem em saldos, em vez dos saldos actues se transformarem em *deficits*.

Aqui o augmento das receitas publicas não resulta da prosperidade nacional, antes, pelo contrario, do successivo accrescimo de pesadas contribuições, que embaraçam e extenuam essa prosperidade. Aqui os financeiros distinguem-se na maior parte por usarem mais, ou menos habilmente, d'um processo que está ao alcance de qualquer charlatão—*recorrer ao credito, e addicionar contribuições e impostos.*

Se os esbanjamentos mais exigem, deminuem-se as despezas pelas reducções nos juros das dividas publicas, e ainda pelas deducções nos ordenados dos pequenos funccionarios; e chama-se a isto—*economia!* E, apesar de tudo, em cada anno, vem um relatorio estupendo a justificar umas contas, que são *um rosario* de *pêtas* por necessidade de serviço!!...

Estamos, pois, como diz o chistoso Caracoles, no paiz mais ditoso d'este mundo. Em março a divida do paiz era de vinte e cinco mil e nove centos contos; em maio era de vinte e sete mil e quatro centos contos. Augmentou em dois mezes a minharia de réis 1:500 contos!... Estamos sem parlamento, sem liberdades, com os jesuitas a ensarilhar, o João a fervilhar, o Carlinhos a intrigar, o rei a gosar, o Zé a resonar, e a divida a crescer.

Depois d'isto, só a bemaventurança eterna!...

ELYSIO FREIRE D'A. PESSOA.

## ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

Já dissémos como e porque o alumno do 3.º anno da Escola medico-cirurgica do Porto, o sr. Francisco Augusto Regalla, defendeu a sua dignidade de estudante distincto e vingou a affronta feita ao seu nome e ao seu caracter pelo professor, Ricardo Jorge.

Melhor do que nós o contou elle aqui mesmo, na sua exposição franca, leal e digna, mas o que se não fez ainda foi chamar a attenção do sr. ministro do reino para o modo unico, anomalo e selvagem porque se procedeu na escola, sacrificando, em holocausto ás vinganças d'um homem o futuro d'outro, condemnando-o á expulsão temporaria d'aquella casa d'instrucção por fórma que se não compadece nem com as leis d'este paiz nem com a propria dignidade d'aquelle estabelecimento.

Formou-se alli um tribunal. As praxes do santo officio, que a liberdade esmagara, voltaram a assentar arraiaes alli, para descredito da escola e para insulto ás leis fundamentaes da nação.

Fez-se o conselho. Quem foram os aggravados? Os professores da escola. Quem julgou o delicto? Os mesmos professores. Extraordinario, isto!

Elles são parte e julgam ao mesmo tempo. Formam a accusação e condemnam como lhes apraz.

Mas que lei do paiz é aquella em que se fundam? Não nos consta que exista mais do que o regulamento de policia academica de 39 para a Universidade de Coimbra. E' por elle que se regulam? E qual a disposição que a isso os auctorisa?

Supponhá-nos, porém, que ella existe. Diz o citado regulamento no seu artigo 3.º:

«Na applicação das penas de exclusão temporaria, ou perpetua da Universidade, haverá respeito ás seguintes regras:

1.º—Os estudantes matriculados que não frequentarem as aulas, ou que, sendo frequentes n'ellas, não mostrarem applicação, se depois de admoestados não tiverem emenda, serão riscados da matricula do respectivo curso.

2.º—Os estudantes que dentro das escolas perturbarem os exercicios d'ellas com desordens graves, arruidos e tumultos escandalosos.»

O estudante em questão não podia ser classificado incurso na 1.ª regra, porque provou sempre mais do que a applicação exigida, a distincção até. Na 2.ª muito menos, porque, se bateu no professor que não teve a coragem de repellir a agressão e antes commettera a covardia de o reprovar contando com a impunidade do feito, não perturbou o exercicio das aulas; foi fóra d'ellas que o fez. Onde, portanto, foi o sabio conselho buscar disposição applicavel? A' que diz: «os que dentro ou fóra das escolas praticarem actos de qualificada insubordinação, desobediencia e resistencia?»

Mas se nenhum dos professores que acompanhavam o aggredido pediu ou intimou á obedincia o estudante, como foi elle insoburdinado, desobediente ou resistente? A que voz ou conselho desobedeceu ou resistiu?

Seria esta outra: «Os que faltarem ao respeito ao reitor e aos mestres, proferindo injurias, ou commettendo violencias contra elles», que o conselho dos sabios julgaria em sua razão servir? Mas essa razão, dá sem duvida uma triste ideia dos lumi nosos cerebros dos drs!

Proferio, por ventura, o estudante qualquer injuria contra o mestre? Não, que apenas lhe bateu, sem ameaças, sem alarde, sem barulho, como um homem de bem. Commetteu uma violencia? Tambem não, porque vingou com dignidade uma affronta, porque foi covardemente agredido, porque teve a prévia provocação do professor.

Não vemos no regulamento coisa nenhuma mais que sirva para o effeito. O que, pelo contrario, encontramos n'elle, é a disposição para que nenhum dos illustres membros do tribunal chamou a attenção do conselho, e que diz:

«Artigo 6.º As attribuições policiaes dos lentes, professores, etc., são as seguintes:

6.ª—Proceder com a *maior inteireza e imparcialidade* ao juizo das informações finaes, que o conselho das faculdades tem de dar annualmente ao governo ácerca do merito litterario e moral dos bachareis, licenseados e doutores; *tendo respeito a que elles não podem ser admittidos* aos logares de lettras, aos partidos de medicina, nem a qualquer outro serviço publico, sem que sejam qualificados como bons ou muito bons.»

O sublinhado é nosso, e de proposito o fizemos para perguntar ao imparcial conselho se foi com a dita *inteireza e imparcialidade* que o sr. Ricardo Jorge obrou reprovando um alumno classificado dos melhores do curso, pois que uma reprovação é a «informação final» por excellencia para o caso, e se, procedendo assim, aquelle lente não transgrediu manifestamente a lei porque imaginou poder reger-se a escola, commettendo ao mesmo tempo uma barbaridade repugnante, um acinte sem precedentes e uma ousadia inqualificavel.

Diz o artigo 1.º do regulamento:

«Os actos de insubordinação, de desobediencia, de injuria ou de resistencia, as faltas de respeito ou as violencias praticadas dentro ou fóra das escolas por quaesquer pessoas academicas entre si, o procedimento escandaloso havido por elles *no exercicio dos seus deveres, do qual possa resultar damno contra o aproveitamento moral e litterario da mocidade*; todos estes factos são punidos pela Policia Academica, por meio de penas puramente disciplinares, sem prejuizo das que possam ser impostas pelas justiças ordinarias aos delictos e crimes da sua primitiva competencia.»

Temos, pois, que a propria lei por que condemnaram o alumno tem, felizmente, em si tambem castigo para o ousado professor.

Perguntamos: qual o razão porque se não poniu primeiro o sr. Ricardo Jorge, que cometteu um abuso no exercicio da sua profissão? Pois não é por cima que devem começar os exemplos? Pois não transgrediu o sr. Ricardo Jorge a lei da casa, attentando, infelizmente por mais do que uma vez, contra o aproveitamento moral e litterario do alumno?

Pois não resultou para elle, para a victima dos seus rancores, o damno irreparavel citado pela lei? Com que imparcialidade julgou, pois, o conselho? Que forma é essa de fazer justiça n'essa casa? Pois os rigores d'aquelle regulamento disciplinar são apenas para os pequenos, só porque sabem responder dignamente á vilissima provocação dos grandes?

Extraordinario tudo isto! Extraordinario sim, de audacia e de perversidade!

De fórma que, quem tiver a desgraça de precisar defender a sua honra, expia no garrote do verdugo a culpa, que não tem, d'uma perseguição odiosa!

Ha alli, ao que se vê, disposições para tudo. Julga-se e crimina-se ao mesmo tempo; os professores são partes e juizes, e, com a mesma facilidade com que approvam ou reprovam um estudante, assim o accusam e o condemnam, assim o perdem sem contemplações pela justiça e sem respeitos pela lei.

Contentes da sua obra, que levariam mais longe se mais lhe fosse permittido ainda, põem o sello da vingança em todos os documentos, fechando as portas da defeza ao condemnado, trahindo, falseando, mentindo á propria consciencia, que os accusa e condemna.

Ao estudante riscado foi precisa agora uma certidão da resolução do conselho. Pois na escola, onde ha um anno se negou a informação necessaria para repetição do acto em que a malvadez do mesmo professor o havia reprovado, negou-se a certidão pedida, com o fundamento de que uma lei qualquer, applicavel apenas ás resoluções do conselho de saude publica, lhes prohibe o deferimento pedido.

A Escola Medica do Porto arranja com uma facilidade pasmosa as leis que lhe convém. São d'uma esperteza nunca vista os sabios Esculapios.

Mas porque commettem flagrantissimas infracções, com prejuizo até das proprias leis, nós temos um prazer especial em discutir com os illustres doutores, e havemos de forçal-os, pelo menos, a parar d'uma vez para sempre com a roda dos desatinos. Veremos, pois, quem leva o melhor da lucta.

No tribunal inquesitorial da escola, cuja competencia para taes julgamentos é absolutamente contestavel, foi condemnada a victima de uma monstruosidade revoltante, que praticou o acto nobilissimo de não deixar sem desforço exemplificador a covarde arremettida da hyena. No da opinião, em que é juiz apenas a consciencia publica, os condemnados são elles, os suppostos julgadores, que se não lavam já da nodoa affrontosa que sobre si lançaram.

## Mais calote

Depois da albarda, com que o governo brindou o povo d'este abençoado paiz, do retrocesso aos ominosos tempos do absolutismo, a que chegámos, dos ataques á liberdade e das affrontas á constituição e á lei, que dia a dia se presenciam e se evidenciam cada vez mais, surgem os desperdicios, contra que já não podem os sacrificios do contribuinte, e depois o calote, o eterno calote, com que o governo compensa os pezados sacrificios d'este bom e pobre povo portuguez.

Ha precisamente 3 mezes que se não paga ao pessoal assalariado das obras publicas e da hydraulica n'este districto. Esta pobre gente trabalha de dia para comer de noite, e uma parte d'ella anda já a cair de fome e de fadiga.

E digam lá que isto não é um governo de benemeritos!

Emquanto os amigos accumulam 4, 6 e mais empregos que não exercem e vão desfraldando nos que podem os interesses nacionaes, desfourando o nome do paiz, estes pobres servidores do estado, que trabalham, que luctam pela vida, que comem, quando o teem, o pão negro que amassam com os mais penozos sacrificios, não recebem ha nada menos de 90 dias os seus escassos vencimentos! E' até onde póde chegar a desvergonha e a impiedade!

Que virá mais sobre isto?

## Sobre inspecções

Os dictadores d'este paiz, que se não cançam de fazer tolices, decidiram, sem contemplações pela commodidade dos povos e sem vantagem absolutamente nenhuma para ninguem, baralhar as sédes das inspecções militares, de fórma que dos varios concelhos do districto d'Aveiro vão recrutas aos mais distantes pontos do paiz, quando seria mais racional, mais equitativo, mais justo, e até mais humano aliviar-lhes quanto possivel o pesado tributo de sangue que as leis os forçam a pagar.

Assim os recrutas de Agueda são inspeccionados na Figueira, os de Anadia em Coimbra, etc, e quando se levam ás instancias superiores as reclamações dos povos, ellas são desattendidas, passando da banca do ministro para o cesto dos papeis inuteis.

A camara municipal de Anadia representou ao governo pedindo a transferencia das inspecções aos mancebos d'aquelle concelho para a capital do districto a que pertence. Pois o governo, cego a todas as normas da boa razão e da boa justiça, nada resolveu, e lá vão para Coimbra os recrutas ainda do corrente anno.

Perfeitamente carnavalesca, a administração nas altas regiões do poder!

## NOVA CLASSIFICAÇÃO CONCELHIA

O *Diario* chegado hontem publicou o decreto dando nova classificação aos concelhos pertencentes aos districtos de Evora, Guarda e Vianna do Castello e a que no nosso artigo principal de hoje nos referimos. Esta classificação é como segue:

No districto de Evora é classificado na 1.ª ordem o concelho de Evora: são classificados na 2.ª ordem os de Arrayolos, Extremoz, Montemór-o-Novo, Portel, Redondo, Reguengos de Monsaraz e Villa Viçosa, e é classificado na 3.ª ordem o concelho do Alondroal.

São supprimidos os concelhos de Borba, cujas freguezias annexadas ao de Villa Viçosa; de Móra, cujas freguezias são annexadas ao concelho de Arrayollos; de Mourão, cujas freguezias são annexadas ao de Reguengos de Monsaraz, e de Vianna do Alemtejo, cujas freguezias são annexadas ao concelho de Evora.

São annexadas ao concelho de Montemór-o-Novo as freguezias da Boa Fé e Giesteira, do concelho de Redondo a freguezia de Vallongo, do concelho de Evora; e ao concelho de Reguengos de Monsaraz as freguezias de Pigeiro, do concelho de Evora, e Montoito, do concelho de Redondo.

As freguezias de Cabrella e Landeira do concelho de Montemór-o-Novo, são annexadas ao de Alcacer do Sal, do districto de Lisboa.

O concelho de Redondo elegerá quatro vereadores e o de Alondroal elegerá tres vereadores para a camara municipal da séde da respectiva comarca.

No districto da Guarda é classificado na 1.ª ordem o concelho da Guarda; são classificados na 2.ª ordem os concelhos de Almeida, Ceia, Celorico da Beira, Figueira de Castello Rodrigo, Gouveia, Méda, Pinhel Sabugal, Trancoso e Villa Nova de Foscôa; e são classificados na 3.ª ordem os concelhos de Aguiar da Beira, Fornos de Algodres e Manteigas.

São annexadas ao concelho de Almeida as freguezias de Miuzella, Parada e Porto de Ovelhas, do concelho de Sabugal, e a freguezia de Valverde, do concelho de Pinhel; são annexadas ao concelho de Figueira de Castello Rodrigo as freguezias de Cinco Villas e Reigada, do concelho de Almeida, e a freguezia do Colmeal, do concelho de Pinhel; são annexadas ao concelho de Pinhel as freguezias de Avellãs da Ribeira, Pinzio, Pomares e Ribeira dos Carinhos, do concelho da Guarda, e as de Moimentinha e Povoa de El-Rei, do concelho de Trancoso; e são annexadas ao concelho de Villa Nova de Foscôa as freguezias da Barreira e Gateira e de Forte Longa, do concelho de Méda.

Os concelhos de Celorico da Beira e Trancoso elegerão cinco vereadores, os de Aguiar da Beira e Fornos d'Algodres elegerão dois vereadores, o da Guarda elegerá oito vereadores, e o de Manteigas um vereador para a camara municipal da séde das comarcas a que pertencem.

No districto de Vianna do Castello é classificado na primeira ordem o concelho de Vianna do Castello, e na segunda ordem são classificados os concelhos de Arcos de Valle de Vez, Caminha, Melgaço, Monsão, Paredes de Coura, Ponte da Barca, Ponte do Lima e Valença.

E' supprimido o concelho de Villa Nova da Cerveira, e são annexadas ao concelho de Caminha as freguezias de Covas, Gondarem e Soppo, e ao concelho de Valença as freguezias de Campos, Candemil, Cornes, Gondar, Loivo, Lobelhe, Mentrestido, Nogueira, Roboreda, Sapardos, Villa Meã e Villa Nova da Cerveira.

Os bens, valores e rendimentos dos concelhos supprimidos, cujo territorio é integralmente annexado a outro concelho, são encorporados, com todos os encargos que legalmente os affectem, na fazenda municipal d'este concelho, de cuja camara ficarão dependentes todos os empregados da extincta camara municipal e a cuja administração ficarão pertencendo os empregados da administração do concelho supprimido, sendo pagos a todos os seus actuaes ordenados pelo municipio em que passam a prestar serviço, e devendo ser de preferencia providos nas vagas de empregos de egual cathegoria, que occorrerem no mesmo municipio.

Dentro de trinta dias, os governadores civis, ouvidas as corporações interessadas, proporão ao governo o destino que devem ter os bens, valores e rendimentos dos concelhos supprimidos, cujo territorio fique pertencendo a mais de um concelho, assim como as repartições concelhias onde devem prestar serviço, sem prejuizo dos seus actuaes ordenados, pagos pela respectiva camara municipal, os empregados das extinctas camaras municipaes e administrações de concelho.

Os mesmos empregados terão preferencia para o provimento das vagas de empregos de egual categoria nas repartições onde estiveram servindo. No caso previsto pelo artigo 477.º do codigo administrativo, os governadores civis submetterão ao governo, dentro do praso e sobre as bases alli designadas, a proposta de distribuição dos encargos de emprestimos pelos diversos concelhos a que foram annexadas as freguezias dos concelhos supprimidos, e pela mesma fórma se procederá no caso de desannexação de freguezias pertencentes a concelhos onerados com encargos da mesma natureza.

## NOVA DIVISÃO JUDICIARIA

Foi tambem publicado no *Diario* chegado hontem o decreto que auctorisa o governo a fazer as alterações na divisão judiciaria do continente do reino e ilhas adjacentes.

Os magistrados judiciaes das comarcas que forem supprimidas ficarão addidos aos quadros respectivos. Os conservadores e os officiaes de justiça com mais de um anno de bom e effectivo serviço serão preferidos segundo a sua classe e categoria, para o preenchimento das vacaturas que occorrerem. Emquanto, porém, não for reorganisado definitivamente o quadro dos officiaes de justiça, os escrivães e tabelliães dos juizos de direito que estiverem n'aquellas condições poderão ser collocados provisoriamente nos logares vagos das comarcas; se fôr restabelecida a sua antiga area, do mesmo modo poderão ser mandados fazer serviço nas comarcas a que as supprimidas sejam annexadas, total ou parcialmente. Os tabelliães de notas com carta de serventia vitalicia, existentes nas comarcas ou concelhos supprimidos, serão conservados, podendo o governo crear novos tabellionatos nas terras que não fôrem sédes de comarca.

Sendo alterada a classificação de qualquer comarca, o juiz que a esse tempo n'ella se encontrar não será deslocado emquanto não fôr promovido, collocado no quadro ou transferido.

Em virtude d'este decreto, as alterações na divisão judiciaria tambem hontem decretadas foram as seguintes:

No districto de Evora são extinctas as comarcas de Alandroal e Vianna do Alemtejo e ficam annexadas á comarca de Redondo as freguezias do concelho de Alandroal; á comarca de Evora as freguezias do supprimido concelho de Vianna do Alemtejo; á comarca de Arrayolos as freguezias do supprimido concelho de Móra e á comarca de Villa Viçosa as freguezias do supprimido concelho de Borba.

Fica pertencendo á comarca de Evora a freguezia de S. Miguel de Machede, do concelho de Evora, e a comarca de Reguengos de Monsaraz a freguezia de Montoito, do mesmo concelho. E' extincto o julgado municipal de Mourão e as freguezias do mesmo julgado ficam pertencendo á comarca de Reguengos de Monsaraz.

No districto da Guarda é extincta a comarca de Fornos de Algodres e ficam pertencendo as freguezias do concelho de Fornos de Algodres á comarca de Celorico da Beira; as freguezias de Cabra e Villa Franca da Serra, do concelho de Gouveia, á comarca de Gouveia; as freguezias de Chão de Tavares, S. João da Fresta, Travanca de Tavares e Varzea de Tavares, do concelho de Mangualde, á comarca de Mangualde; e as freguezias de Antas, Mareco e Villa Nova de Covello, do concelho de Penalva do Castello, á mesma comarca. As freguezias do concelho de Manteigas ficam pertencendo á comarca da Guarda; a freguezia de Cidadelhe, do concelho de Pinhel, á comarca de Pinhel, e as freguezias do Barreiro e Fonte Louza, á comarca de Villa Nova de Foscôa. No districto de Vianna do Castello continua vigorando a actual divisão comarca com as seguintes modificações:

E' extincta a comarca de Villa Nova da Cerveira, sendo annexadas á comarca de Caminha as freguezias de Covas, Gondarem e Soppo, e á comarca de Valença as freguezias de Campos, Candemil, Cornes, Gondar, Loivo, Lobelhe, Mentrestido, Nogueira, Roboreda, Sapardos, Villa Meã e Villa Nova da Cerveira. As freguezias de Affife, Freixeiro de Soutello e Soutello, do concelho de Vianna do Castello, ficam pertencendo á comarca de Vianna do Castello. Nos juizos de direito em que estiverem pendentes ou a que forem entregues os processos de recenseamento eleitoral, respeitantes a freguezias que pela nova circumscripção concelhia forem annexadas a differente concelho, separar-se-hão as listas dos eleitores das mesmas freguezias e as respectivas reclamações pendentes e julgadas para serem juntas, com copia dos termos processados, no mesmo ou n'outro juizo, conforme competir, ao processo de recenseamento eleitoral dos concelhos a que ellas fiquem pertencendo, sem que todavia estas diligencias importem preterição dos prasos legaes para as operações do recenseamento. O processo do recenseamento eleitoral do concelho, que a outro seja integralmente annexado, será encorporado ao processo de recenseamento d'este concelho.

## CARTA DE LISBOA

16 DE JULHO DE 1895.

O governo entrou finalmente no caminho que conduz ao calvario. Decretou a suppressão de concelhos e de julgados, annexou e desannexou freguezias—entrou finalmente na senda que conduz ao desgosto geral de muitos povos, e quem sabe se por este modo prepara uma reacção que póde ser tremenda. Entrou com cautella n'esse caminho, porque não decretou a alteração geral. Foi aos extremos, ao Alemtejo e ao Minho, o que quer dizer que breve chegará ao resto. O paiz, todo o paiz, ha de conhecer quanto é forte o pulso dos nossos governantes. A todos os districtos, pois, chegará a acção do camartello demolidor. Ahi serão extinctos: Vagos, Ilhavo, Oliveira do Bairro, Albergaria, Sever, Cambra, etc. Preparem se, pois, para o grande feito, os que tiveram a veleidade de crêr que tudo permaneceria como está. Resta ver se as condescendencias populares permittem tudo o que os despauterios governamentaes se permittem decretar.

Emfim, estamos no principio de acontecimentos graves, porque a agitação que a medida produziu é já crescida nos pontos feridos pelo camartello demolidor, camartello que o governo maneja com implacavel fervor.

— Suas Magestades partem para as Caldas da Rainha no proximo domingo. A familia real tenciona demorar-se alli 20 dias.

— Parece que a nova lei do recrutamento reduzirá o tempo do serviço dos recrutas a dois annos apenas.

— O *Diario* publica hoje uma portaria dispensando os alumnos do 5.º anno da faculdade de philosophia da Universidade de Coimbra, do exame de grego, para a conclusão da sua formatura.

— Parece que vão ser supprimidos os logares de inspectores das circumscripções aduaneiras do norte e sul, restabelecendo-se as antigas administrações de circulo e tornando-se esses logares vitalicios. Em tal caso, serão nomeados, o sr. conselheiro Pinto de Magalhães para o sul e o sr. conselheiro Malheiro Dias para o norte.

— Começaram ante-hontem, no ministerio da justiça, os concursos para o provimento dos logares de conservadores. Os pontos foram os seguintes:

1.º—Analyse do artigo 931.º e § unico do Codigo Civil.

2.º—Pedro intentou contra Francisco acção de reivindicação da quinta do Sobral, situada em Santarem. Fazer o competense registo.»

Hoje presta provas o segundo turno.

Hoje realisam-se as provas do primeiro turno dos concorrentes a delegados do procurador regio.

—Effectuaram-se os seguintes despachos administrativos:

Bacharel Augusto Cezar Fernandes, auditor administrativo do districto de Bragança, licença de 30 dias.

José Garcia do Amaral, official da secretaria do governo civil do districto da Horta, licença de 60 dias, por motivo de doença.

Adelino Adelio Leão Costa, exonerado de vogal effectivo da commissão districtal do Porto.

João Lopes Carneiro de Moura, exonerado de administrador de Chaves, e nomeado para o referido cargo Filippe Leite Barros Moura.

José Nunes de Figueiredo, exonerado de substituto de auditor administrativo do Porto e nomeado para este cargo Julio Forbes da Costa.

Agostinho Nunes de Figueiredo, nomeado vogal effectivo da commissão districtal do Porto, e José Fernandes de Magalhães Bastos, nomeado vogal substituto da mesma commissão.

—Verificaram-se os seguintes despachos ecclesiasticos:

João Augusto d'Araujo, apresentado na egreja parochial de Santa Marinha de Oleiros no concelho de Villa Verde diocese de Braga.

Julio Cesar da Costa Maia, apresentado na egreja parochial de S. Martinho da Barca, no concelho de Maia, diocesse do Porto.

Joaquim Teixeira, apresentado na egreja parochial de S. Miguel, no concelho de Rezende, diocese de Lamego.

Manuel Francisco da Silva, apresentado na egreja parochial de S. João Baptista de villa Chã, concelho de Espozende, diocese de Braga.

Antonio do Amaral Monteiro Escada, apresentado na egreja parochial de S. João Evangelista do Carvalho Redondo, no concelho de Ornellas, diocese de Vizeu.

Manuel Marques de Lemos, parocho collado na egreja de S. João Baptista da Talha, diocese de Lisboa, apresentado na egreja parochial de Nossa Senhora do Monte-Sião da Amora e Corroios no concelho do Seixal da mesma diocese.

Bento José de Sá Velloso, parocho collado na egreja de S. Miguel de Villa Cova da Morreira, diocese de Braga apresentado na egreja parochial de S. Pedro de Lamar, no concelho e diocese de Braga.

Manuel Joaquim da Silva Macedo, parocho collado na egreja de Santa Marinha d'Aroza, diocese de Braga, apresentado na egreja parochial de S. Jeronymo de Real, no concelho e diocese de Braga.

Acceita a Jeronymo Affonso Martins, parocho collado na egreja de Nossa Senhora da Conceição de Freixeda, diocese da Guarda, a desistencia da egreja parochial de Santa Maria de Unce, no concelho de Maiorca, diocese de Lisboa, em que foi apresentado.

— Fizeram-se os seguintes despachos de justiça:

Bacharel Antonio Caetano Salgado, exonerado do logar de sub-delegado no Fundão.

Bacharel Armando Navarro, exonerado de sub-delegado na 6.ª vara de Lisboa.

Albertino de Pinto Ferreira, idem na comarca de Oliveira do Hospital.

Bacharel Antonio Carlos da Costa Botelho Moniz, idem em Setubal.

Bacharel Antonio Pinto de Magalhães e Almeida, idem em Torres Novas.

Augusto Cezar Ribeiro, exonerado de juiz de paz de S. Pedro de Funchal.

Francisco José de Brito, exonerado de 1.º substituto de juiz de paz da Marinha Grande em Leiria.

José Joaquim Alves e Manuel Domingos Clemente, nomeados substitutos de juiz de paz de Castro Laboreiro.

Y.

## Situação do paiz

Um dos nossos mais esclarecidos collaboradores, publica o seguinte artigo no *Jornal de Extremoz*:

Ha quem diga, que não é prospero o estado do paiz. Por toda a parte se ouvem queixumes, e todos se censuram mutuamente, desculpando-se e attribuindo aos outros as causas das desgraças, de que todos são mais ou menos culpados. Rara é a familia, que não se queixe de graves despezas e de falta de meios. No entanto o luxo é demasiado por toda e parte. Individuos, que tem recursos muito limitados, querem hombrear com aquelles, a quem não faltam meios para desvarios. E, no entanto, o povo queixa-se por os muitos tributos, que é obrigado a pagar. Apesar d'isso, quando ha uma romaria, uma tourada, uma festa, um divertimento, não deixa de concorrer e não olha a despezas. Empenha-se, mas não falta. E canta, dança, folga, leva o seu farnel bem provido, para um ou dois dias, muito embora por muitos mezes tenha de viver quasi soffrendo a fome, ou pelo menos graves privações. Eis aqui o estado, a que chegou o nosso paiz e o indifferentismo, a que chegou o nosso povo! E não é elle só o culpado. Muitos males se evitariam, se não houvessem os incentivos e as occasiões.

Ainda, ha pouco, se fizeram em Lisboa essas ruidosas e prolongadissimas festas, celebrando o setimo centenario do nascimento de Santo Antonio. Estas festividades não deveriam effectuar-se no dia 13 de junho e dias seguintes, porque se commemorava o nascimento e não a morte do thaumaturgo. Deveriam, pois, ser no dia 15 d'agosto e deveriam limitar-se a algumas solemnidades religiosas, a algumas obras de caridade e á iniciação de algum estabelecimento de utilidade publica. A prolongação das festividades e a maneira como se cumpriu mal ou bem, um tão variado programma, deu logar a incidentes desagradaveis e as scenas, que bem pouco acreditam o nosso estado de civilisação!

Quem as promoveu, deu provas de pouca educação e de um egoismo despotico, como quasi sempre fazem aquelles que entendem, que a liberdade é só para elles e só elles tem o direito a gosar das vantagens d'esse fulgente sol. Mas seria melhor, que os festejos ficassem para o dia 15 de agosto e se deixasse aos povos das differentes localidades o seguirem livremente e segundo os seus habitos e tradicções, o programma, que lhes aprouvesse e que fosse mais conforme aos usos e ás circumstancias locaes.

Quizeram os festeiros arranjar um pretexto para chamarem gente das provincias á capital. E o povo foi. Incommodou-se. Gastou e ficou, por assim dizer, burlado! E nos festejos, o que deveria ser primeiro, isto é, a parte religiosa, ficou para o fim; assim como a parte profana fora antes do que a parte religiosa.

O governo, a camara de Lisboa, a commissão dos festejos, muitas associações foram a causa d'esta burla e de obrigar o povo a gastar o que não deveria e a gastarem-se dos cofres publicos quantias, que poderiam ter muito melhor applicação.

Poderia todo o paiz celebrar o centenario do thaumaturgo e não haver o egoismo da capital, para onde se tratou de attrair o povo para dar interesses aos commerciantes da cidade de marmore e granito. Receba, pois, o povo mais uma lição.

Não achamos censuravel, que, em 15 de agosto cada localidade celebre o nascimento de Santo Antonio, limitando-se n'isto ás respectivas circumstancias e evitando perdas de tempo, de saude e de capitaes.

Falla-se em festejar o centenario da descoberta da India. Achamos justo. Mas o facto não honra só Lisboa. Honra todo o paiz. Todo o paiz o deve recordar, mas com moderação, sem sacrificios e aproveitando a occasião para algum commettimento util, sem burlar o povo, sem o distrahir dos seus labores e sem lhe desenvolver o appetite por distracções inuteis e até prejudiciaes aos seus habitos e aos seus interesses. R.

## S. THOMÉ

CATECISMO DOS TRAMPOLINEIROS E TRAPALHÕES POLITIQUEIROS DE S. THOMÉ

Pelo signal + do Horta e C., livrenos Cabral + do vosso Garcez, do Sobral + e Mé Saclá.

P.—Sois *politiqueiro* em S. Thomé?

R.—Sim, pela graça do Horta e C.

P.—Quem é o Horta e C.?

R.—E' um juiz de direito, chefe de todas as trapalhices visiveis e invisiveis.

P.—Ha muitos Hortas e C.?

R.—Em S. Thomé, como politico, não ha mais que um só.

P.—Onde está o Horta e C.?

R.—No tribunal como juiz; na roça como agricultor e em toda a parte como politico.

P.—Horta e C. sempre tem sido?

R.—Não, porque teve principio e ha de ter fim.

P.—Para que Horta e C. se fez politico, sendo elle juiz?

R.—Para o conhecermos nas suas trapalhices, eleval-o em todas as suas ambições e servirmos de degraus para a sua ascenção e de toda a sua parentella.

P.—Quantas são as pessoas da *politiquice* do Horta e C.?

R.—São tres: Cabral, Garcez e Sobral.

P.—O Cabral é politico?

R.—Sim.

P.—O Garcez é politico?

R.—Sim.

P.—O Sobral é politico?

R.—Sim.

P.—Pois são tres politicos?

R.—Não, mas são tres *politiqueiros* distinctos e um só trampolineiro verdadeiro.

*Lição II*

P.—Qual dos tres *politiqueiros* se fez trampolineiro?

R.—O Garcez.

P.—Onde se fez trampolineiro?

R.—Nos miolos do Horta e C.

P.—Para que se fez trampolineiro?

R.—Para traficar o recenseamento, cortando e eliminando os seus adversarios politicos, porque ambicionando de novo as cadeiras senatoriaes não quer encontrar opposição nas proximas eleições, para bem poder escalar os paços do concelho, e fazendo-se inscrever no numero dos 40 maiores contribuintes.

P.—Por obra de quem se fez trampolineiro?

R.—Por obra e graça do Horta e C.

P.—Quem é o Garcez?

R.—E' trampolineiro e *politiqueiro* verdadeiro.

P.—Emquanto trampolineiro de quem é filho?

R.—Do Horta e C.

P.—Emquanto *politiqueiro?*

R.—Das entranhas do Cabral.

P.—Quantas pessoas ha em Garcez?

R.—Uma só e é trampolineira.

P.—E naturezas?

R.—Ha duas em Garcez, trampolineira e *politiqueira*.

P.—Onde está o Garcez?

R.—Emquanto trampolineiro está em toda a parte a pensar como ha-de trampolinar na politica, e emquanto *politiqueiro* está a pensar como ha-de dar golpe mortal no recenseamento para entrar na presidencia camararia, escalando os paços do concelho.

P.—Que entendeis vós por trampolineiro *politiqueiro?*

R.—Entendo os traficantes que se fiseram eleger na qualidade de amigos do deputado Horta e C. irmão do juiz de direito da 1.ª vara da comarca de S. Thomé e Principe, Horta e C., para a commissão da revisão do recenseamento eleitoral, para inscreverem com falsa qualidade de maiores contribuintes os traficantes da sua grei, cortando do mesmo recenseamento eleitoral os africanos que não se curvam ás suas politiquices, nem subservientes ás suas ameaças.

P.—Para ser trampolineiro e *politiqueiro* basta crêr em Horta e C.?

R.—Não; é tambem necessario temel-o porque é rancoroso e vingativo para os adversarios, ao passo que é tolerante para os que votam no seu irmão a quem fez deputado por obra e graça do Neves Ferreira, para ter no parlamento e no ministerio da marinha quem o defenda das suas trapalhices politicas.

*Lição III*

P.—Quaes são os mais principaes *mysterios*, que todo o trampolineiro e *politiqueiro* da grei do Horta e C. deve saber e crêr em particular para salvar-se?

R.—São, que ha um juiz que é remunerador para com os que votam com elle; o *mysterio da Santa panellinha;* o da traficancia e trapalhices politico eleitoraes.

P.—Que quer dizer que o juiz é remunerador para com os que votam com elle?

R.—Quer dizer que o juiz faz da sua auctoridade uma arma de combate; se o eleitor tem algum processo em juizo, manda prevenil-o de que se votar com elle manda archivar o processo ou dá sentença a seu favor, mas se não votar pronuncia-o ou dá sentença contra.

P.—Quem são os máos que vão á cadeia?

R.—São os que não votam com o juiz ou seus amigos.

P.—Quem são os bons que vão á rua?

R.—São os que votam com o juiz ou seus amigos.

P.—Os que não votam, por não ser eleitores, ou por estarem presos, tendo dado a sua adhesão angariando alguns votos vão logo para a rua estando processado?

R.—Sim.

P.—E se não teem angariado?

R.—Hão de promettel-o fazer para as eleições mais proximas.

P.—Como ajudaremos a esses para os pôr na rua?

R.—Se são casados podem as suas esposas servir de empenho para com a do Horta e C., e se o não são, os empenhos serão feitos pelos amigalhaços do juiz.

P.—Que entende pelo mysterio da santa panellinha?

R.—Um juiz de direito em tres pessoas realmente distinctas, Cabral, Garcez e Sobral.

P.—Que entende pelo mysterio da traficancia?

R.—Que o Garcez se fez traficante na politica, pois ambicionando de novo as cadeiras senatoriaes, nega a qualidade de cidadão aos que a tem para recensear os serviçaes dos seus amigos.

P.—Que entende pelo *mysterio* das trapalhices eleitoraes?

R.—Que Garcez e todos os da panellinha do Horta e C. querem illudir todas as formulas de uma eleição não só para elle Garcez ser *eleito* vereador e entrar na presidencia da camara, mas até para o irmão do Horta e C. continuar a representar este circulo em côrtes, que tornaram seu feudo, a fim de continuarem na sua obra de destruição.

P.—Garcez tem alguma importancia emquanto trampolineiro ou emquanto *politiqueiro?*

R.—Emquanto trampolineiro, porque emquanto *politiqueiro* nem o conhecem e nem fazem caso d'elle.

*Lição IV*

P.—Todos os *politiqueiros* são obrigados a saber e crer em particular mais alguns *mysterios* da santa panellinha do Horta e C.?

R.—Os que contém no credo d'elles.

P.—Dizei esse credo.

R.—Creio em Horta e C., juiz de direito todo rancoroso, creador de todas as trampolinices do recenseamento eleitoral, e em Garcez um dos da santa panellinha: o qual foi concebido por obra e graça do medico Cabral, que traficou com o Joaquim Sobral: dissolvido da camara municipal sob o governo do Pereira de Miranda, foi confirmada a dissolução por Neves Ferreira que o julgou inelegivel nas primeiras eleições, mas que o *pultrelico* Brito Godins, impondo-se ao presidente da camara, fel-o chamar novamente para as cadeiras senatoriaes: subiu aos paços do concelho, onde está sentado, não á mão direita do Horta e C., mas á do respectivo presidente d'onde deveria ser escorraçado e julgado convenientemente se os filhos d'esta terra tivessem dignidade propria e soubessem cumprir os seus deveres. Creio no espirito dos trampolineiros, na sua santa panellinha, na communicação dos traficantes, na remissão dos patifes, na roubalheira das eleições e na vida relaxada e cheia de politiquice em que marcham os negocios do estado.

P.—Que cousa é santa panellinha?

R—E' uma congregação de todos os politiqueiros cuja cabeça visivel é o Horta e C., que ameaça os roceiros que não votam com elle ou fazer-lhes tirar os serviçaes, ou conservar-lh'os, ainda que barbaramente tratados.

P.—Que cousa é communicação dos traficantes?

R.—E' crer que na grei do Horta e C. ha traficantes politicos de toda a especie, e das obras dos quaes participam os politiqueiros que estão em graça do Horta e C.

P.—Que cousa é remissão dos politiqueiros?

R.—E' crer que na grei dos trampolineiros politicos ha homens de todos os feitios e modos.

P.—Que cousa é roubalheira das eleições?

R.—E' crer que no dia das eleições para se fazer deputado o irmão do Horta e C. e vereador o Garcez, se deve roubar a eleição aos africanos que não são subservientes nem se curvam ante a *omnipotencia* de um juiz como é o mesmo Horta e C.

P.—Que quer dizer a vida relaxada e cheia de politiquice em que marcham os negocios do estado?

R.—Quer dizer que tal é a relaxação em que tudo isto anda, que não ha para onde appellar. Na metropole a relaxação vae desde o mais alto grau até ao mais infimo, e por isso os magistrados n'esta ilha appoiados pelas traficancias politicas dos ministros, afinam pelo mesmo diapasão e aconselham toda a casta de roubalheiras politicas.

*Lição V*

P.—Como se faz o signal da cruz?

R.—Fazendo tres cruzes com o dedo pollegar da mão direita, a primeira na testa, a segunda na bocca, e a terceira no peito dizendo:

*Pelo signal + do Horta e C., livre-nos Cabral + do vosso Garcez, do Sobral + e do Mé-Saclá.*

P.—Porque se faz a cruz na testa?

R.—Para que o Horta e C. nos livre dos maus pensamentos que possamos nutrir pelo anarchismo em que traz a ilha.

P.—E na bocca?

R.—Para que o Garcez nos livre das más palavras.

P.—E no peito?

R.—Para que o Sobral nos livre dos maus desejos.

P.—Como se chama este modo de fazer o signal da cruz?

R.—Persignar.

P.—E não se faz de outro modo o signal da cruz?

R.—Sim, benzendo se; e é fazer uma cruz com a mão direita aberta, da testa até debaixo do peito, e do hombro esquerdo ao direito dizendo:

Em nome do Cardozo, do Pina e do Costa e Santos.

P.—Para que vos benzeis?

R.—Para confessar a santa panellinha dos trampolineiros e de todos os traficantes politicos.

*Lição VI*

P.—Quantos são os traficantes e os trampolineiros do recenseamento eleitoral?

R.—São sete.

O primeiro, Garcez.
O segundo, Sobral.
O terceiro, Santos.
O quarto, Cassiano.
O quinto, Cabral.
O sexto, Pina.
O setimo, Menezes.

Os outros sete trampolineiros por os ajudar na continuação d'estas traficancias, são:

O primeiro, Marianno contra o Garcez.

O segundo, Ayres (o perna de pau) contra o Sobral.

O terceiro, Carvalho contra o Santos.

O quarto, Polycarpo contra o Cassiano.

O quinto, Leal contra o Cabral.

O sexto, Galvão contra o Pina.

O setimo, Sebastião contra o Menezes.

*Confissão geral*

Eu Sobral me confesso ao Horta e C., juiz de direito todo meu amigo, e magnanimo nas traficancias em que vamos feitos, que o digam as filhas do José Bernardo da Silva, ás quaes tiramos a roça, chamando uns terceiros para assignarem o documento da venda, apesar de que o doutor Freitas Ribeiro negou em tempo o registo, e ao trampolineiro Bernardo Garcez, ao *politiqueiro* Ligorio Cabral, ao *politiqueiro* Cassiano Cardozo e aos escrivães Pereira e Esteves, a todos os traficantes das nossas tranquibernias, e a vós administrador do concelho Almada e Negreiros que eu pequei muitas vezes por pensamentos, palavras e obras de que digo a Horta e C. minha culpa, minha culpa e minha maxima culpa. Portanto peço e rogo ao trampolineiro Bernardo Garcez, ao *politiqueiro* Ligorio Cabral ao *politiqueiro* Cassiano Cardozo, aos escrivães Pereira e Esteves e a todos os trampolineiros das nossas tranquibernias e a vós administrador do concelho Almada e Negreiros que rogueis por mim a Hortae C. nosso amo e senhor. Amen.

*Xoão da Madeira.*

## NOTICIAS DIVERSAS

**A raiva.** — Estatisticas ultimamente dadas á luz, provam que a raiva se prepaga em Portugal d'um modo assustador. Nas estatisticas comparadas do instituto Pasteur, de Paris, já se havia mostrado que o numero dos infelizes mordidos por animaes hydrophobos era absolutamente maior em Portugal do que em nenhuma outra nação; e, relativamente á população, era collossal. E' isto devido á monomania dos portuguezes pela raça canina, e ao desleixo das auctoridades em fazer cumprir as posturas municipaes e regulamentos relativos ao assumpto. Com effeito nas aldeias poucos são os moradores que não tenham dois e tres cães; e nas cidades só os não tem quem absolutamente não pode, ou por falta de recursos, ou por falta de alojamento. Nas aldeias chega a monomania pelos cães ao extremo de os terem os pobres, aos dois e aos tres, mesmo aquelles que nem pão teem para dar aos filhos. O resultado é haver pelo paiz uma quantidade espantosa de cães lazarentos a morrer de fome, e que por isso mesmo estão mais aptos para adquirir a raiva.

E todo esse exercito enorme de *amigos do homem* anda ás soltas de dia e de noite, sem açaimos, em batalha contra os ossos e os monturos, e ás dentadas uns aos outros para illudir a fome. Ora está provado que nas nações onde se reduziu o numero de cães a proporções rasoaveis, e se adoptaram providencias policiaes energica e regularmente cumpridas, a raiva decresceu e quasi se extinguiu.

Entre nós podiam o sr. João Franco e o sr. Hintze Ribeiro illustrar a sua dictadura com providencias que atalhassem a epidemia rábica: mas não teem vagar para isso. Bastaria o sr. ministro da fazenda lançar um imposto geral a quem tivesse cães, cobravel por via de licença; e o sr. ministro do reino mandar destruir todos os cães que não tivessem o nome, isto é o numero, registado nos livros das licenças, e prohibir a divagação, mesmo dos matriculados, durante a noite.

Dentro de dois annos ficaria a canzoada reduzida á centesima parte; existiriam sómente os cães necessarios para guarda de gado e de quintas ou quintaes, e os de luxo, que raras vezes veem á rua. E folgariam os filhos dos pobres, e lucraria a humanidade. Mas a guerra do sr. João Franco não é dirigida aos cães; é declarada aos eleitores adversarios. E, demais, como não ha de ser amigo dos cães um governo que vive de calotes?...

**As vinhas.**—Sob este titulo um collega de Braga escreve:

São animadoras as noticias sobre o estado das nossas vinhas. Os cachos, que nasceram n'uma quantidade prodigiosa, apresentam-se formosos e desenvolvidos. N'uns certos pontos, principalmente n'aquelles onde a velha rotina impera, o mildiu tem feito alguns estragos, d'uma grande importancia mesmo; n'outros, porém, graças ao cuidado dos seus proprietarios, á vigilancia continuamente exercida e á adopção dos meios aconselhados pela sciencia e impostos pela experiencia, as vinhas estão pujantes e formosas.

De resto, os vinhos tendem a baixar e aquelles que o venderam no bom tempo esfregam as mãos de contentes, ao contrario dos outros que ainda o conservam nas adegas na fraca espectativa d'uma calamidade qualquer.

**Caminho de ferro de Lourenço Marques.** — O *Times*, chegado ultimamente, referindo-se á abertura do caminho de ferro de Lourenço Marques a Pretoria, realisada no dia 8 do corrente, dá os seguintes pormenores:

«A abertura official do caminho de ferro realisou-se com uma esplendida ceremonia. Assistiram a ella os governadores do Cabo, Natal, Bechuanalandia e Lourenço Marques, o commandante em chefe do Cabo e da estação naval da Africa Oriental, sir Graham Bower, com o seu respectivo estado-maior e muitos inglezes, hollandezes, allemães e officiaes do exercito e da marinha portugueza. A cidade de Pretoria, cuja municipalidade dispendeu grandes sommas nas festas, via se profusamente ornamentada. O presidente Kruger saudou, á sua chegada, os governadores e os demais visitantes de distincção, salvando então as fortalezas, emquanto que as bandas de musica executavam diversos hymnos e outras composições. Mais de 10:000 pessoas levantavam enthusiasticos vivas emquanto o cortejo percorreu a cidade, indo o presidente Kruger e sir Hercules Robinson no mesmo carro. Depois houve grande recepção, concluindo o primeiro dia das festas pela illuminação á noute.»

A proposito da inauguração d'este caminho de ferro alguns jornaes estrangeiros apreciam tão importante facto como verdadeiramente favoravel para o Transvaal. Um jornal diz:

«O dia de hontem (o da inauguração) foi de uma importancia capital para a Africa austral. E' um passo decisivo do Transvaal para a sua completa autonomia commercial. Sem duvida, quando a linha de Pretoria ao Natal estiver concluida, um novo golpe será vibrado ás ambições do Cabo. Mas já muito se fez e para o Transvaal o porvir está assegurado.»

— Segundo communicam de Pretoria aos jornaes estrangeiros, a inauguração do caminho de ferro de Pretoria a Lourenço Marques foi tambem celebrada com um banquete de 400 talheres, achando-se presentes os representantes de Portugal, Hollanda, Belgica, Inglaterra, França e Allemanha. O governador do Cabo, sir Hercules Robinson, declarou que o caminho de ferro de Lourenço Marques serviria para augmentar a prosperidade geral de toda a Africa do sul, onde os interesses do Transvaal são identicos aos das colonias britannicas d'aquella região. Disse ainda que a Inglaterra reconhecera a independencia do Transvaal em 1881 e que nunca pensára em voltar atraz sobre esta decisão. O presidente Kruger respondeu que tomava nota d'aquellas declarações cordeaes, ás quaes dava todo o credito.

**A secca das arvores.** —Diz um arboricultor hespanhol, que a rega continua das arvores recem-plantadas lhes faz muito mal. Uma arvore recem-plantada, quando não tem folhas não necessita regar-se, a não ser quando o terreno esteja completamente secco. A agua não faz mais do que expulsar o ar da terra e fechar-lhe todos os poros de tal modo que não deixa penetrar o ar nas raizes e este é-lhe tão indispensavel como aos animaes. Os observadores sabem, que quando uma arvore coberta de folhas se expõe muito tempo e repentinamente a uma corrente d'agua tal como a que se desvia d'um rio ou a que sobrevem n'uma inundação, etc., a arvore secca em poucos dias porque morre suffocada.

## PELO ESTRANGEIRO

**Grève de padeiros em Madrid.**—Dizem folhas da capital do visinho reino, que, ainda que não esteja definitivamente resolvido, os manipuladores de pão d'aquella cidade vão declarar-se brevemente em *grève*. Para evitar este facto, os industriaes mostram-se, em grande parte, inclinados a um accordo com os operarios. Querem estes que, em vez de comida, aquelles lhes paguem mais 7 reales por dia e lhes forneçam ainda mantas e outros utensilios para dormir.

— Declarou-se já a grève dos manipuladores de pão na capital do visinho reino. Os padeiros já se compromettiam a augmentar-lhes, em vez do sustento, uma peseta e trinta e cinco a cincoenta centimos, conforme a especie de trabalho dos operarios. Estes, porém, não acceitaram e publicaram um manifesto convidando a classe para um comicio que se realisou n'uma sala proxima á egreja de S. Francisco. O comicio principiou pelo meio dia de quarta-feira, sendo numerosissima a multidão de padeiros que alli compareceu, o que tornava o local insupportavel, pelo calor asphyxiante que produzia aquella agglomeração de pessoas. Occupou a presidencia um manipulador chamado Paz, o qual abriu a sessão por estas palavras:

— O fim da reunião é pôrmo-nos d'accordo para levar a effeito a grève.

*Varias vozes*—Isso! isso! Grève e energia.

Tem lepois a palavra um operario de nome Antelo, que refere o que se passou na conferencia havida entre a junta directora da sociedade dos operarios padeiros com a dos industriaes, no governo civil; diz que um d'estes se sorrira ao ouvir as razões expostas pelo companheiro Paz e disse ser isso uma acção grosseira e deshumana. Desata em seguida manifestando-se contra os industriaes e sustenta que a petição dos operarios para que lhes melhorassem o sustento, embora lhes não dessem mais salario, era rasoabilissima.

*O presidente*—Quaes são os vossos desejos, companheiros?

*Vozes*—A grève! A grève!

Não queremos que nos atropellem os nossos direitos.

*Preeidente*—Quereis continuar, como até aqui, comendo como se fosseis animaes?

*Vozes*—Nunca! Nunca! Queremos a grève, se não triumpharmos. Queremos a grève, succeda o que succeder. Grève e união!

O presidente toca a campainha impondo a ordem.

Alguns operarios fallam violentamente contra a burguezia; um outro diz:—Somos victimas dos patrões e das auctoridades que não servem senão para aniquilar-nos.—E continua increpando com desabusados doestos a auctoridade. Levanta-se então o agente que representava esta ultima e diz:

— Chamo a attenção do presidente para as palavras que se estão proferindo e que eu não posso tolerar.

Aquelle operario, continuando no seu discurso:

— Por cada gota de sangue que verta dos nossos corpos em defeza da razão e da justiça, levantar-se-hão novos companheiros para vingar as violencias de que sejamos victimas por parte dos defensores dos patrões.

*O representante da auctoridade.*— Isto não póde continuar. Está dissolvida a reunião.

Levantou-se então um medonho tumulto. Gritava-se—Morra a policia! Abaixo a policia! e houve uma voz que gritou:—A elles, rapazes! Acabe-se com esta canalha!

E no mesmo instante por sobre aquelle agente da auctoridade e os guardas civis que estavam presentes cahiu uma saraivada de pedras, sendo aquelles aggredidos ainda a cacetadas e navalhadas. Então a força que estava á porta do edificio invadiu a sala e apoz demorada lucta todos os manifestantes sahiram dois a dois, antes do que foram revistados, apprehendendo-se-lhes grande quantidade de armas brancas e de fogo. Foram presos de 60 a 70 operarios, entre os quaes os que mais se evidenciaram no tumulto. Ficaram feridos alguns agentes da policia e uma mulher que golpeou a mão direita ao segurar pela lamina uma navalha que um policia lhe arrancou.

Durante a tarde e a noite trabalhou-se activamente no governo civil para que nas padarias não faltasse o pessoal preciso á manipulação quotidiana. Foram distribuidos por aquellas operarios da administração militar, guardas de segurança e até empregados dos impostos de consumo. Em muitas padarias os proprios industriaes e suas familias se empregaram no trabalho de amassar o pão. O alcaide de Madrid adoptou em seguida todas as providencias necessarias a não faltar pessoal nas padarias nem para a distribuição e venda de pão. Entre todas aquellas foram distribuidos 250 homens. De Araujuez offereceram-se para ir trabalhar para Madrid 600 operarios e de Toledo os industriaes propozeram o fornecimento de 3:000 pães diarios. A guarda civil teve ordem d'obstar por todos os meios a que os grevistas impedissem o trabalho nas padarias e a venda nas ruas.

Para quinta-feira estava annunciado um outro comicio no *Liceu Rins*, na rua da Atocha e a junta dos operarios fez publicar nos jornaes o aviso de que os fabricantes que quizessem abonar aos operarios os 7 reales em vez das refeições, se dirigissem á meza da presidencia a declaral-o e a assignar um accordo n'esse sentido. Os manipuladores de pão francez que ainda não tinham feito causa commum com os companheiros, annunciaram que se na quinta-feira, até ás sete horas da tarde, não fosse liquidada a questão d'accordo com as pretensões dos seus companheiros, os acompanhariam na grève.

— Realisou-se na quinta-feira o comicio referido, sendo o local escolhido o Liceo Rins, que esteve apinhado de padeiros e curiosos até pelas escadas. Historiou-se de novo o conflicto havido entre operarios e patrões, pediu-se união e energia por parte da classe e que não desamparassem os companheiros presos no tumulto havido no comicio da vespera. A ordem não foi alterada. Não faltou o pão em Madrid, apezar da grève, e as auctoridades crêem que não chegará a faltar ainda que a grève se prolongue, não só pelas providencias adoptadas, como ainda pela grande quantidade de pão importado das terras de provincias limitrophes de Madrid. Na sexta-feira de madrugada muitos dos grevistas estiveram trabalhando nas respectivas padarias; n'outros trabalharam os individuos fornecidos pelas auctoridades.

**A insurreição em Cuba.**—O general Martinez Campos, chefe das forças do governo na campanha contra os rebeldes de Cuba, em cartas particulares que enviou para amigos seus em Madrid, tece os mais levantados elogios aos soldados hespanhoes pela sua sobriedade e resignação com que supportam todas as fadigas e coragem com que se teem batido sempre. Accrescesta Martinez Campos que apenas passe a presente época de chuvas n'aquella região, as forças do gaverno juntarão, por certo, novos laureis aos já colhidos e é de crêr que a campanha termine com gloria para a causa que aquelles defendem.

Por estes dias devem ser firmados em Inglaterra uns contractos, pelos quaes a Hespanha vae adquirir sete canhoneiras e doze lanchas-canhoneiras nas melhores condições de navegação, e que dentro de tres mezes devem estar em serviço nas agua de Cuba. As casas Thomson, White e Forrest & C.ª, foram as que apresentaram melhores propostas. A primeira construirá as sete canhoneiras e seis lanchas cada uma das restantes. Foram já sorteados os medicos que devem compor a primeira remessa para Cuba.

Como se sabe, Martinez Campos pediu que lhe fossem enviados pelo menos duzentos facaltativos e 15 pharmaceuticos.

**O presidente do governo provisorio de Cuba.**—Se dermos credito a um despacho de origem americana, a eleição do presidente do governo provisorio de Cuba, pelos cubanos residentes na America, fez-se por meio de telegrammas. Benjamim Guerra, thesoureiro do partido revolucionario cubano, declarou que recebera telegraphicamente votos de Chicago, Nova Orléans, Vera Cruz, Mexico e outras cidades americanas. Segundo estes votos, a eleição recahiu por unanimidade em

---

176

# FOLHETIM

HENRIQUE PEREZ ESCRICH E FRANCISCO DE P. ENTRAAL

# MAGDALENA

## DECIMA 2.ª PARTE

### ARREPENDIMENTO

### VI

PROVA-SE QUE MATHIAS NÃO DEIXAVA DE TER BOAS IDÉAS

Na manhã seguinte, o inspector começou a empregar as necessarias diligencias para descobrir Anna. Foi a todas as estações de carruagens, deixando aos respectivos inspectores a seguinte nota:

«Sirva se indagar dos cocheiros d'essa estação se algum d'elles alugou a sua carruagem a noite passada, ás nove horas, a uma rapariga, ou só ou acompanhada, que sahiu a essa hora do Hospital Geral. Em caso affirmativo, declarar-me-ha ao mesmo tempo o numero do trem e o nome e habitação do cocheiro que fez o serviço.»

A's quatro da tarde Mathias tinha em seu poder as respostas desejadas, e entre ellas encontrou uma que dizia:

«O trem n.º 122, cujo cocheiro é F. G. morador na rua do Moinho de Vento, numero... conduziu hontem á noite duas mulheres desde as proximidades da porta do Hospital até á rua de Ministriles numero...»

O inspector ficou por algum tempo com o olhar fixo nas palavras *duas mulheres*, e disse por fim:

— Quasi estou em dizer que não era ella.

E sem largar o officio, pegou no chapeo e sahiu em busca do cocheiro. Meia hora depois, parava diante de uma velha cocheira na rua do Moinho de Vento. Ao entrar esbarrou com um cavallo attrelado a uma carruagem, e avistou o cocheiro já sentado na almofada e preparando-se para sahir.

— Boa tarde, disse gravemente parando no limiar.

O cocheiro olhou para elle com extranheza.

— Você chama-se F. G.?

— Um seu criado. Em que posso servil-o?

— Em primeiro logar, desça da almofada.

Ouvindo o tom de auctoridade com que era mandado, e distinguindo o bastão de commissario, o cocheiro obedeceu immediatamente.

— Vossê hontem á noite fez um serviço desde a porta do Hospital Geral até á rua de Ministriles?

— Sim, senhor.

— E quem alugou o trem?

— Uma velha.

— Só?

— Não, senhor: com uma menina que ella metteu dentro do trem quasi desmaiada.

—Lembra-se dos signaes das duas?

— A velha não a vi muito bem, porque se occultava com a sombra e com o corpo da rapariga; mas esta, posso-lhe affiançar que era muito bonita.

— Branca?

— Pareceu-me trigueira.

— Alta?

— Sim, senhor.

— E o cabello?

— Mais negro que a crina d'este cavallo.

— Quando subiram para o trem, ouviu-lhes dizer alguma coisa?

— Apenas a velha me disse: «A' rua de Ministriles!» Durante o caminho pareceu-me que a rapariga se queixava e que a velha a mandava calar; mas quando chegámos, pagaram-me e afastaram-se sem dizer uma palavra.

— E quando alugaram a carruagem, vin-as sahir do hospital?

— Não reparei.

— Bem; se occorrer mais alguma coisa, será chamado á inspecção.

Havia aproximadamente dezoito horas que Anna estava em poder de Sabina. Apenas voltou a si da vertigem que tivera ao ver-se separada de seu pae, levantou-se do velho enxergão em que Sabina a deitara e tentou auzentar-se d'aquella casa, onde cuidava morrer de desesperação e de vergonha; Sabina agarrou-a com violencia, e sorrindo-se de um modo cynico e grosseiro, disse-lhe:

— Então pensavas que eu havia de andar dois mezes correndo atraz de ti, para agora me escapares? Enganas-te, minha querida. Não sahirás d'aqui em quanto eu não o permittir, nem verás outra luz senão a que entra por esta fresta miseravel; porque assim como passámos juntas os dias felizes, justo é tambem que do mesmo modo passemos os adversos.

Anna nem se movia nem respirava. Quando recobrou de novo a razão, supplicou a Sabina que lhe désse a liberdade, disse-lhe que estava arrependida, offereceu-lhe metade dos seus ganhos, e fez-lhe vêr a necessidade em que se achava de auzentar-se, porque seu pae estava a morrer e ella desejava receber o seu ultimo suspiro.

— Pois agora ainda menos te deixarei! respondeu Sabina. Assim comprehenderás o mal que tens feito, e eu terei o gosto de vêr-te inteiramente reduzida ao meu dominio.

A pobre rapariga chorou, supplicou, arrastou-se aos pés da velha na maior afflicção; mas nem lagrimas, nem promessas, nem rogos poderam abalar aquella alma perversa. Sabina não era uma mulher; era uma furia. Tudo quanto disséssemos para pintar a desesperação de Anna, seria debil e frio ante a realidade d'aquella scena. A dôr trouxe o enfraquecimento, veiu depois a febre, o delirio, e este encadeamento de commoções concluiu por anniquilar a pobre rapariga. Sabina passou a noite vigiando-a. No dia seguinte disse-lhe:

— E's uma tola em affligir-te, porque ainda podemos ser boas amigas. Demais, que adiantas tu com oppôr-te aos meus designios? Eu estou só, completamente só n'esta casa, e aqui ninguem te protegerá ainda que brades por soccorro. Trouxe-te aqui para me vingar das offensas que me tens feito, e hei-de vingar-me.

—Cala-te! atalhou Anna recobrando a sua dignidade e energia. Meu pobre pae morre preso por tua culpa; por tua culpa está sem os meus auxilios, e por ti somos desgraçados. Se não fôras tu, eu não seria uma mulher infeliz que chora a sua deshonra; mas agora que sinto ferver a indignação dentro do peito, vou sahir para denunciar-te á justiça.

— A mim? a mim?! exclamou Sabina soltando estridula gargalhada e brandindo ao mesmo tempo os punhos no ar.

— A ti, sim, a ti! disse Anna cega de colera.

E, sem reparar no que fazia, collocou-se diante da janella da agua-furtada.

— Que has de tu fazer? gritou a velha.

E como visse que Anna lhe dirigia um olhar ameaçador, correu para ella e impelliu-a com violencia. Anna deu um grito horrivel. A este tempo duas pancadas fortes soaram na porta. A costureira, que resistira ao impulso de Sabina, afastou-a brascamente com o braço, e recobrando todas as forças, correu para a porta e abriu-a de par em par. Escapou-se-lhe então do peito uma exclamação de jubilo e de assombro. Magdalena estava diante d'ella. A seu lado via-se o inspector de policia.

— Ah! senhora! exclamou Anna lançando-se nos braços de Magdalena, que a beijou com maternal carinho.

— Que faz aqui, minha filha? perguntou-lhe.

Anna contou-lhe em breves palavras a sua desgraça, e depois de a ouvir, o inspector entrou resolutamente na agua-furtada. Sabina permanecia aterrada no centro da casa. O inspector agarrou-a com violencia, dizendo-lhe:

— Agora pagarás tudo quanto tens feito, velha infame!

Em seguida Magdalena e Anna entraram n'um trem, e o inspector tomou outro para conduzir Sabina ao Saladero.

(*Continua.*)

um tal D. Thomaz Estrada Palma e crê-se que a sua nomeação será approvada pelo governo provisorio dos insurgentes de Cuba.

**Entre a França e o Brazil.** — Lêmos no *Temps*, chegado ha dias, o seguinte:

«Foi admittido pela França e pelo Brazil o principio de arbitragem para a solução do litigio relativo no territorio contestado da Guyana. Resta resolver as condições em que se exercerá a arbitragem, isto é, se esta será confiada a um chefe de Estado estrangeiro ou a uma commissão arbitral. Entretanto tomaram-se medidas de precaução; navios da divisão naval do Atlantico vão cruzar na costa da Guyana. O novo governador da Guyana, sr. dr. Lamothe, partirá no dia 9 d'agosto para ir occupar o seu lugar.»

**A Inglaterra na Africa.**—Dizem da Africa Austral ao *Times* que o chefe da poderosa tribu dos Barotzes, ao norte do Zambeze, enviou embaixadores ás auctoridades da Companhia da Africa Austral, para lhes pedir que installassem um residente no seu paiz. Este despacho é um aviso para Portugal, pois mostra que os inglezes vão alastrando pela Africa. Não será além d'isso o paiz dos Barotzes o mesmo que deve estar, pelos ultimos tratados, sob a esphera da influencia portugueza?

O *Temps*, commentando o despacho, diz:

«Se é exacto o que dizem os jornaes inglezes, os poderes da grande companhia de Cecil Rhodes estender-se-hão bem depressa para além do Zambeze. Não se explica, porém, o pedido do regulo dos Barotzes, que até aqui se mostrava resolutamente opposto ás pretensões da Inglaterra.»

**Os francezes em Madagascar.**—O clima de Madagascar vai fazendo os seus effeitos na expedição franceza. Um jornal de Marselha diz que, no hospital militar d'aquella cidade, se estão preparando 300 camas para receber a primeira remessa de doentes provenientes da grande ilha da Africa oriental; 200 enfermos mais serão enviados para Toulon.

Esta chegada de soldados, minados pelas febres africanas, é o reverso da medalha da expedição a Madagascar.

**A Allemanha e Marrocos.**—Chegaram a Tanger uma fragata de guerra e dois cruzadores allemães e de Paris dizem o seguinte pare uma folha madrilena:

«Produziu aqui certa impressão a noticia de que a esquadrilha allemã que chegou a Tanger está disposta, ao que parece, a occupar Rabat ou Casa Branca, se o governo marroquino não acceder ás reclamações que, em fórma de *ultimatum* lhe dirigiu o representante do imperio germanico junto da côrte do sultão. Em fins d'esta semana deve chegar a Vigo outra esquadrilha allemã, composta de quatro barcos. Ainda que os jornaes officiosos de Berlim affirmam que esta esquadrilha não deve ir além das costas setemptrionaes de Hespanha, crê-se que o governo allemão, na previsão do que possa accorrer em Marrocos, mantem aquellas forças navaes de reserva nas aguas da Galliza, com ordem de marchar, ao primeiro aviso, para as de Marrocos. O *Diario dos Debates* diz que, interessada a França na conservação do *statu quo* em Marrocos, aquella não póde vêr sem inquietação os projectos que se attribuem á Allemanha».

**O canal de Kiel.** — Como referimos, alguns jornaes allemães declararam que o canal de Kiel ou do Imperador Guilherme não tinha a profundidade precisa para dar passagem aos navios de guerra, sendo, por conseguinte, uma obra inutil, militarmente fallando. Um dos constructores do canal refuta agora aquella asserção, dizendo que as obras de drenagem que ainda se estão executando, não permittem que se dê passagem a navios que calem mais de 4 metros e meio, mas que isto será de curta duração e que, quando estejam terminadas todas as obras, o canal terá a profundidade precisa para deixar passar navios que calem 8 metros e mais, podendo passar por elle todos os navios de guerra allemães, assim como os de todas as nações.

**A creação do mundo na exposição de 1900.**—Entre outros privilegios, a exposição de 1900 tem o de estimular o genio inventivo dos francezes. São muitos os projectos já a que os seus auctores dão a pomposa denominação do *clou* do grande certamen. Agora, porém, apresentou-se mais um outro, e o seu auctor visa a pôr em scena nada menos que a creação do mundo, segundo todos os dados da sciencia.

A ideia d'este projecto não deixa de ser arrojada, apesar de não ser inteiramente nova, pois ha vinte annos que foi posta em prática, com um singular mixto de grandeza e de ridiculo, no Palacio de Crystal, de Londres. Será mais bem organisada e succedida em Pariz? E' o que resta vêr.

**Como se escreve a historia.**—Ha dias Dieppe celebrou com festas a memoria de um seu compatricio, nascido em 1480, e que, segundo o que d'elle dizem os francezes, foi um heroe, que teve por adversarios os reis de Portugal e Inglaterra. João Ango, assim se chama o heroe, quando os portuguezes ainda andavam descobrindo os mares nunca d'antes navegados, já sulcava com os seus navios as aguas da India, Terra Nova, Molucas, etc. Mas o mais extraordinario está no seguinte:

Um dos navios de Ango foi bombardeado e aprezado por uma esquadra portugueza. Ango, furioso, mandou armar e equipar 17 navios, e enviou esta frota a fazer guerra pelas costas de Portugal. Assustado, o rei de Portugal mandou a toda a pressa dous embaixadores ao rei de França Francisco I, a fim de lhe perguntar os motivos d'aquella violação de paz. O rei francez disse aos embaixadores:

— Isso não é commigo, é com Ango; vão ter com elle e arranjem-se como poderem.

Os embaixadores portuguezes dirigiram-se a Dieppe, sendo recebidos com toda a solemnidade por Ango, e este, em attenção ao rei de França, pediu-lhes apenas que respeitassem a bandeira franceza e disse-lhes que mandaria retirar os navios. O que executou, conclue o jornal d'onde extrahimos toda esta historia, com a melhor vontade.

Eis um caso historico que ninguem sabia. Verdade é que para certas invenções não ha como os francezes.

**Morte d'um presidente da republica.**—Telegrammas de Guatemala annunciam a morte do presidente d'aquella republica, o sr. Bogran.

**O commercio de gado na Inglaterra.**—Segundo referem os jornaes inglezes, partiu ultimamente de Sidney, Australia, para Londres, o vapor *Southern Cross*, com um carregamento de gado vivo, comprehendendo 550 bois, 439 carneiros e 39 cavallos. E' a primeira experiencia, em ponto grande que se faz enviar gado vivo da Australia para Inglaterra. Até aqui o commercio limitava-se a enviar a carne em vapores frigoriferos. Um jornal diz que se espera com grande interesse o resultado d'esta experiencia.

**Um tenor que passou o pé.**—O emprezario do theatro de Buen Retiro, em Madrid, viu se ha dias devéras embaraçado porque á hora de principiar o espectaculo deu pela falta d'um tenor, que se lhe safou levando 300 francos de vencimentos adiantados.

**O suicidio em Paris.**—*Paris, 10.* —Ha uma verdadeira epidemia de suicidios no bairro de Montmartre. Só no dia de hontem registraram-se quatro: uma operaria, por desgostos amorosos, asphixiou-se por meio d'um fogareiro; um jornaleiro, victima d'accessos de loucura, degolou-se com uma navalha; um moço d'uma carvoaria enforcou-se, sem se saber porque; finalmente uma solteirona de 45 annos, muito dada á bebida, asphixiou-se tambem pelo acido carbonico. No bairro Mérioourt houve tambem dois suicidios.

**Grande catastrophe.**—De Sherbomna, na America ingleza, sahiu na terça-feira da semana passada, de manhã, um comboyo conduzindo muitos peregrinos d'aquella povoação e parochias visinhas, em direcção ao santuario de Sant'Anna. Cerca de Craigsurad devia cruzar o comboyo da linha principal, e n'esta achava-se parado um comboyo tomando agua, quando aquelle chegou a todo o vapor dando-se um choque formidavel. A' tarde tinham sido retirados 20 cadaveres de entre os escombros, e cria-se haver ainda muitos mais. Os feridos foram em numero de 40, alguns gravissimamente.

**Crime ou brincadeira de mau gosto.**—Na ambulancia postal d'um comboyo que n'um d'estes dias sahiu de Paris para Boissy-Saint-Léger, um empregado encontrou debaixo d'um banco, embrulhada n'algumas folhas de papel pardo a cabeça de uma mulher, cheia de terra, parecendo por isso ter sido recentemente exhumada. A policia averigua, crendo-se estar em presença de um crime horrivel e mysterioso ou de uma mystificação de mau gosto.

**A' morte.**—N'um dos tribunaes de Madrid foram condemnados á morte Antonio Casillas, Mathias Yuste e Nicanor Rodrigues, que em 11 de junho assassinaram um pobre pastor.

**Varias noticias.**—O imperador da Allemanha anda fazendo a sua costumada excursão pela Scandinavia. Ultimamente o rei da Suecia offereceu-lhe, após um jantar, uma reproducção exacta da taça dada em 1632 a Gustavo Adolpho pelos burguezes de Nuremberg. Esta obra prima da Renascença apresenta o globo terrestre aos hombros de Atlas.

— A proposito do imperador Guilherme, diz um despacho de Roma que é muito possivel que vá em setembro passar alguns dias na capital da Italia.

— Os jornaes hespanhoes dão como completamente restabelecido o general Primo de Rivera, que partiu para uma casa de campo de Robledo, na linha do norte.

— Segundo a *Pall Mall Gazette*, o estado australiano de Victoria tem umas leis especiaes e muito particulares sobre o divorcio e o matrimonio. Citaremos dois exemplos. Um marido não se póde divorciar se a esposa se embriagar tres vezes. Se uma mulher tiver todos os vicios imaginaveis menos um, o da embriaguez, bastar-lhe-ha accrescentar esse aos demais e ficará completamente segura de que seu esposo não póde intentar contra ella o divorcio salvador. Não poderá intentar o divorcio, mas terá a faculdade de lhe cascar sem que ella tenha direito a pedir exemplar castigo, porque a *brutalidade* tem tambem um castigo especial no estado da Victoria: — o marido que maltratar de palavras ou obras sua mulher, será condemnado a *perder os direitos eleitoraes*. Está-nos parecendo que estas leis foram obra de algum politico trocista. Talvez, algum Mark Twain australiano.

— O barão Edmundo de Rothschild fez um offerecimento valiosissimo ao Museu de Louvre, de Paris. Referimos-nos ao magnifico thesouro de ourivesaria recentemente descoberto em Bosco Reale, proximo de Pompeia. Aquelle thesouro data do primeiro seculo da era christã. Contem, áparte moedas curiosas e objectos de arte de uma admiravel conservação, um vaso preciosissimo, em cujo corpo se vê uma dança de esqueletos que têm gravados os nomes de Aristophanes, Euripides e de outros poetas gregos, typo unico da arte antiga e muito superior a tudo quanto se possuia até agora, no genero. Não dispondo o Museu do Louvre dos fundos necessarios para adquirir uma tão magnifica collecção, comprou-a o barão Edmundo de Rothschild por 500 francos e offereceu a immediatamente ao Museu. Não merece mais que louvores esse acto de generosidade.

— Fez-se agora, em Londres, uma interessante experiencia de cosinha electrica. A companhia de luz electrica da *City* deu um banquete, cujos manjares foram preparados em caçarolas ao *calor* de um foco electrico. O fim d'esse banquete era demonstrar as vantagens da cosinha electrica. A julgar pela satisfação exprimida por todos os commmensaes, as qualidades dos guisados preparados por aquella fórma são magnificas. O emprego da electricidade na cosinha está destinado a constituir um novo e importantissimo consumo de energia electrica.

— A Russia é um dos paizes em que se acha mais desenvolvida a navegação fluvial. Segundo as estatisticas officiaes, o trafico medio annual das principaes vias aquaticas da Russia europea, eleva-se a 20 milhões de toneladas, cifra relativamente importante comparada com as ferreas que transportam actualmente 50 milhões de toneladas por anno. Possue o imperio russo 1:300 vapores de rio, emquanto que a Allemanha apenas tem 570 e a Austria 193. Conta, além d'isso, 21:000 barcas, numero superior ás 18:000 de Allemanha e ás 750 de Austria. Pode-se, portanto, assegurar que a marinha fluvial russa representa o dobro de toda a marinha fluvial reunida da Europa.

— O congresso internacional dos caminhos de ferro que, como se sabe, estéve reunido em Londres, ao encerrar as suas sessões, escolheu Pariz para o seguinte congresso, que reunirá em 1900.

— Os jornaes francezes noticiam a morte de madame Carolina Maria Miolan Carvalho, considerada como uma das grandes artistas lyricas d'este seculo, tendo alcançado os seus principaes triumphos no theatro da Opera Comica, de Pariz, de que o marido foi por muito tempo emprezario.

— De S. João da Terra Nova partiu ha dias um vapor com destino ás regiões arcticas, levando a bordo alguns homens de sciencia, que esperam regressar em outubro trazendo os membros da expedição Peary.

## SECÇÃO HISTORICA

### UM COMPANHEIRO DE GOMES FREIRE

Se houve general portuguez cujo nome ficasse popular e respeitado, foi de certo o de Gomes Freire de Andrade. Deu-lhe essa auréola a sua morte, que tão injustamente lhe foi infligida, em condições tão revoltantes, pelo tyrannico Beresford. Foi Gomes Freire de Andrade o primeiro martyr da liberdade, e ninguem passa junto do modesto monumento que lhe foi erigido ao pé da torre de S. Julião da Barra, sem pensar com sympathia no vulto do general Gomes Freire.

E comtudo, devemos dizel-o, não houve general que menos tempo servisse a sua patria. Foram as circumstancias que a isso o obrigaram, e, se combateu a maior parte da sua vida nos exercitos extrangeiros, nem por isso deixou de prestar serviços á patria, porque honrou, nas fileiras dos exercitos em que serviu, o nome portuguez. E' curioso porém que, quando não combateu debaixo das ordens directas de generaes extrangeiros, teve de combater ao seu lado, fazendo parte de corpos auxiliares, que estavam em todo o caso, debaixo das ordens supremas de extrangeiros. Assim, a sua primeira campanha foi a do bombardeamento de Tripoli, onde a esquadra portugueza esteve sujeita ás ordens supremas de um almirante hespanhol. Fez parte em 1793 da divisão auxiliar do Roussillon, divisão que tambem teve de estar sujeita ao commando superior dos generaes hespanhoes. Depois, em 1801 ainda exerceu um commando em Portugal, em 1807 teve de partir com a legião lusitana para o exercito napoleonio, e foi debaixo das ordens do grande imperador francez que fez as suas mais notaveis campanhas. Antes porém de partir para o Roussillon, fizera Gomes Freire por sua vontade uma campanha no extrangeiro. Sentiu o appetite de ser cruzado e foi servir como voluntario em 1787 no exercito da imperatriz da Russia, que estava cercando a praça de Sczakon, e que afinal a tomou aos turcos.

Ora, emquanto durava esse assedio, teve Gomes Freire de Andrade ensejo de conhecer um general austriaco, que desabou como um turbilhão no acampamento russo, apertando com os generaes Potemkin e Romanzoff para que apertassem as suas operações, e que afinal partiu desesperado, por ver que elles muito propositadamente as demoravam. Esse general era o famoso principe Carlos de Ligne, um dos homens de mais espirito do seu tempo, que tinha n'essa epoca os seus cincoenta e dois annos, mas que viveu até aos setenta e nove annos, e que até ao ultimo instante conservou sempre a frescura e a vivacidade do seu chiste. Trataria intimamente Gomes Freire com o brilhante general? Ter-lhe-hia ouvido dar em Oczakow, á imperatriz Catharina, a audaciosa resposta, que mostra a um tempo a vivacidade e a independencia do seu espirito? Dizia-lhe Catharina II affectando uns ares heroicos: Eu, se fosse homem, tinha sido morto antes de chegar a capitão.—Não creio, respondeu-lhe desembaraçadamente o espirituoso general, porque eu ainda estou vivo.

Uma vez o marechal de Belle-Isle, sem se lembrar de que Frederico II batera umas poucas de vezes os francezes, disse ao principe de Ligne, general austriaco e por conseguinte alliado da França:

— Estão ganhando para muito tarde as suas victorias; o anno passado ganharam uma batalha em setembro, este anno ganham-n'a em outubro.

— Eu cá por mim, responde logo o principe, prefiro bater o inimigo no outomno e até no inverno, a ser batido no verão.

Era implacavel o demonio do homem. Um sujeito muito massador approxima-se d'elle bocejando:

— Era o que eu lhe ia dizer, observa-lhe o principe ainda antes do pobre homem ter acabado o bocejo.

— Fulano, diziam deante d'elle, é um homem que anda sempre a correr atraz do espirito.

— Aposto pelo espirito, diz o principe.

Teve a felicidade o principe de Ligne de viver na intimidade de todos os grandes homens do seu tempo, de ter a verdadeira amizade de Frederico II da Prussia, de Catharina II da Russia, de José II de Austria, e de viver ao mesmo tempo na mais selecta sociedade franceza, sendo um dos mais apaixonados e mais respeitosos adoradores de Maria Antonieta.

Vimos já que elle respondia com bastante desembaraço á imperatriz da Russia, mas ao mesmo tempo sabia lisongeal-a. Dizia-lhe, para lhe mostrar como apreciava os seus talentos poeticos:

«Oiço fallar muitas vezes no gabinete de S. Petersburgo. Pois não ha n'este mundo gabinete que occupe mais pequeno espaço. Vae simplesmente de uma das fontes de Vossa Magestade á outra.»

Frederico II morria pelos seus cumprimentos, mais delicados que as lisonjas de Voltaire. Um dia dizia-lhe o rei da Prussia:

— Que maldito clima este! Não se me dá aqui nem uma unica oliveira!...

— Já se vê que na Prussia não se dão bem senão os loureiros, dizia-lhe finamente o principe.

José II foi então devéras intimo do seu general, porque o principe de Ligne, apezar de ter um nome francez, era general austriaco. Ligne é um principado da Belgica, e a Belgica n'esse tempo fazia parte da monarchia austriaca. Conta o principe nas suas *Memorias* uma anedocta que José II lhe contára, e que mostra bem o que são os bastidores da historia. José II era filho da imperatriz Maria Thereza, e sabem que esta intrepida soberana se viu abandonada pelos seus subditos, e em risco de não subir ao throno. Seu marido não tinha as qualidades necessarias para vencer as difficuldades que se levantavam. Foi Maria Thereza que desempenhou o papel varonil. Dirigiu-se, vestida de luto, á assembléa dos magnates hungaros, e, levantando nos braços a creancinha, que foi depois José II, mostrava-a supplicante aos valentes fidalgos. Ora a creança chorava perdidamente, e a attitude da mãe e as lagrimas do filho commoveram tão profundamente os magnates, que, desembainhando as espadas, soltaram o famoso grito:

— *Moriamur pro rege nostro Maria Thereza.*

Mas porque chorava o pequenino? Era porque comprehendia as amarguras da sua situação? Qual. Era porque a mãe, ao mesmo tempo que o mostrava aos magnates, lhe ferrava uns beliscões tremendos no sitio por onde o segurava! Se os magnates vissem a creança imperial *do outro lado!*

Acompanhára Ligne a imperatriz Catharina II na sua viagem ao sul do seu imperio e acompanhou-a tambem á entrevista que ella teve com o imperador José II em Kherson. Foi n'essa entrevista que se negociou a alliança contra os turcos, e o principe de Ligne recebeu do seu imperador para essa campanha o commando de infanteria. Antes porém de ir tomar posse do seu commando, foi a Oczakow instar, como dissémos, com os generaes da imperatriz, para que se não demorassem nos seus ataques. A Russia, porém, queria que os austriacos aparassem os primeiros botes da Turquia, e o principe de Ligne, depois de se ter demorado muito tempo no acampamento russo, partiu furioso. Foi em Oczakow porém que Gomes Freire de Andrade o conheceu. O principe de Ligne distinguiu-se n'essa campanha, mas pouco depois rebentou a revolução franceza, que lhe deu um golpe mortal. O seu principado era belga e na Belgica tinha todos os seus haveres. A tomada da Belgica pelas tropas francezas arruinou-o completamente.

José II já não vivia. O principe viu-se quasi reduzido a uma absoluta miseria. Um dia não teve carne, porque o carniceiro lh'a não quiz fiar. O principe de Ligne pegou em si, foi a casa do seu fornecedor á hora de jantar, e sentou-se-lhe á meza, dizendo-lhe:

— Meu amigo, não quer que jante em minha casa, venho jantar á sua.

Emfim a sua situação melhorou-se, tanto porque Paulo I da Russia lhe concedeu uma pensão, como porque na Austria lhe deram emfim largas indemnisações pelas propriedades que elle perdera na Belgica. Foi passar os seus ultimos dias em Vienna, onde sem duvida Gomes Freire o encontrou, porque estava em Vienna quando a capital da Austria foi occupada pelas tropas de Napoleão, e Gomes Freire já n'essa época servia no exercito imperial. O principe de Ligne admirava muito Napoleão, mas não lhe quiz ser apresentado. Dizia a Talleyrand, que fôra companheiro da sua vida folgazã em França antes da Revolução:

— Onde diabo conheceu este homem? Não me lembro de que elle nunca ceiasse comnosco.

Morreu em 1814, tres annos antes de Gomes Freire.

*Pinheiro Chagas.*

## COMMUNICADOS

### AO SR. MINISTRO DO REINO

Rogamos a s. ex.ª o sr. ministro do reino, se digne *pedir* ao sr. governador civil de Leiria nos responda ás seguintes perguntas:

Que lei derrogou o art. 446.º do novo Cod. Adm., consentindo se que o regedor de parochia da freguezia de Santa Cruz, d'esta villa, Fernando Joaquim da Silva, continue no exercicio de suas funcções, depois de ter baixado do ministerio do reino a competente licença para ser demandado criminalmente, pela quinta vez, por ter capturado de noite em casa de seus paes um menor, que depois de estar na cadeia 48 horas, foi posto em liberdade mediante a quantia de 580 reis, pelo presidente da camara Cesar de Castro Abreu Motta, que estava servindo de administrador do concelho, havendo um documento por elle firmado, como publicamente foi dito pelo seu escrivão Julio Ferreira Bret, actualmente em Figueiró dos Vinhos?

Quem auctorisou o sr. director das obras publicas Abreu Motta a mandar exumar as ossadas que existiam na antiga capella denominada, de — Santa Maria da Victoria — pertencente á junta de parochia da freguezia de Santa Cruz, e fazel-as conduzir para o cemiterio municipal em carroças de acarretar lixo puxadas por operarios das obras do monumento, tão mal acondicionadas, que iam espalhando os ossos pelo caminho, o que foi uma profanação insolita, um desacato e uma vergonhosa falta de respeito devida aos mortos, como já por este jornal se fez queixa a sua Eminencia, o sr. cardeal patriarcha de Lisboa?

Não ha terra alguma d'este desgraçado Portugal onde se tenham dado tantos e tão continuos escandalos como na Batalha, commettendo-se constantemente toda a qualidade de crimes, que devido a *altas influencias politicas* ficam sempre impunes, a não ser algum, que por casualidade chegue ao conhecimento do imparcial e integerrimo juiz de direito d'esta comarca de Porto de Moz!...

Além d'isso o administrador do concelho, que é um rendeiro do sr. Victorino Froes, d'Alcobaça, reside fóra da Villa, e pelos seus muitos affazeres raras vezes aqui vem; e o regedor é um criminoso, que serve mais para provocar desordens do que para manter a ordem publica!... Todos os dias estamos noticiando os crimes, os abusos, e as prepotencias escandalosas, que constantemente se praticam n'este concelho; mas como os criminosos sejam regeneradores, tudo é tido e havido por bem feito!... Ainda ultimamente, no dia 30 de junho ultimo, pelas 8 horas do dia, na praça d'esta Villa, dois filhos do regenerador José do Nascimento de Barros, destruiram na presença de toda a gente, a pontapés e a pau vinte e duas peças de louça de folha do sr. Cypriano, de Alcobaça, que aqui costuma vir aos mercados, sem que, com um tal infernal barulho, apparecesse sequer um cabo de policia!... E tendo o sr. juiz de paz procedido, logo que se lhe deu parte, ao competente exame e corpo de delicto, consta-nos que já fervem os empenhos para verem se conceguem abafar o caso; e por isso desde já preveuimos d'isto o meritissimo delegado do procurador régio, e lhe declaramos, que dentro da Villa ha muitas testemunhas que presenciaram este crime, e que são incapazes de negar a verdade.

Por outro lado o famigerado secretario da administração do concelho, um tal Varella, é um instigador de desordens; no dia 4 do corrente mez foi a causa de um filho do sr. José Fernandes Aragão, a quem vota um odio mortal, ficar muito contuso na cara e corpo, divertindo-se em mandar bater e apedrejar por uns 8 ou 10 rapazes, a pobre creança, que decerto seria victima se o professor de instrucção primaria, sr. Joaquim Antonio dos Santos, não corresse a avisar o pae para acudir ao filho!! Tudo simplesmente pasmoso! Mas o sr. visconde de S. Sebastião parece deleitar-se com estes *divertimentos*, e viva a pandega... venha o conto e duzentos mil réis!!!

Batalha, 10 de julho de 1895.

S.

### A COMMISSÃO DO RECENSEAMENTO ELEITORAL E O REGEDOR DA FREGUEZIA

*Sr. redactor.*—Desculpe-nos v. de mais uma vez o incommodarmos, pedindo-lhe a subida fineza de dar publicidade ás nossas queixas. V. dirá que somos exigentes e que não ha cousa que nos faça a vontade, pois lhe parecerão queixas de mais; mas não, sr. redactor, é que as innumeras tropelias, praticadas pelos aulicos da governança, multiplicam-se, e nós, os feridos dos sujos golpes d'estes heroes, clamamos e clamaremos sempre, pelo completo restabelecimento da egualdade, até que justiça nos seja feita.

Hoje, sr. redactor, vamos mostrar um facto assás repellente, que hontem se consumou por parte da commissão do recenseamento eleitoral. Esta auctoridade, delegada na prepotencia das demais auctoridades do sitio, usurpou, acre e ferozmente, o direito sagrado que a dois cidadãos pertenciam, tal é o de eleitores e elegiveis, para o que em tempo opportuno reclamaram para a referida commissão, e porque conhecessem que a mesma, propositadamente, lhe negara esse direito, levaram recurso para o meritissimo juiz de direito da comarca. Este magistrado, sempre recto no cumprimento dos seus deveres, e talvez por ter a commissão na devida consideração que lhe cabe, ordenou que no praso improrogavel de vinte e quatro horas, ella lhe communicasse, se os parochos e os regedores tinham sido ouvidos sobre a elegibilidade dos dois individuos em questão.

Como se achasse doente o presidente da commissão, mandou este, por expressa determinação do mesmo meritissimo juiz, reunir em sua casa os vogaes da commissão e respectivos parochos e regedores. Foi difficil a comparencia alli do vogal Antonio Roza da Conceição, pois que quando lhe foi intimada officialmente a determinação do primeiro magistrado da comarca, responden: —*que não comparecia, que o juiz não era superior á lei, e por isso não podia ordenar, que a commissão exercesse as suas funcções em uma casu que não fosse a escolhida pela mesma para esse fim, e esta era a secretaria da camara municipal*... fazendo ainda vêr que como simples vogal d'uma commissão de recenseamento eleitoral se considerava superior a tão alto magistrado. Emfim, compareceu e compareceram todos os intimados. O que alli se passou é vergonhoso, é atrasador, é repelente; pois o que sua ex.ª, o sr. juiz de direito queria saber, não o saberia, se não fôra a expontanea imparcialidade do muito digno prior da freguezia, o ex.mo sr. Luiz Henriques Cunhal, que declarou não ter sido chamado, nem ouvido para tal resolução da maioria da commissão, pois o presidente assignara vencido.

Do que alli se pretendia tratar, era do descredito dos requerentes, que para isso encontraram d'entre os intimados tres individuos, que pensando inculcar a sua vida e costumes, atribuiram áquelles aquillo que com verdade se lhe póde atribuir a elles.

O regedor da freguezia, Fernando Joaquim da Silva, é homem que a sua primeira carreira foi a de soldado. Devido, não sabemos a que, foi elevado á cathegoria de cabo de esquadra, cujas modestas devisas lhe foram arrancadas, crêmos que por cousas que se não pódem escrever, por um corneta do exercito; isto é a completa exautoração, sendo em seguida transportado para a Africa occidental, por onde andou cumprindo a pena merecida, producto dos seus incorrectos costumes. Voltado ao reino, estabeleceu-se na Batalha, d'onde é oriundo; e aqui, tem tão bom comportamento, que por quatro ou cinco vezes tem estado preso nas cadeias da comarca de Porto de Moz, e agora está para ser julgado outra, por que, como regedor, o governo já auctorisou o alludido julgamento, sem a qual auctorisação não podia responder, segundo o novo codigo administrativo, pois o crime é de abuso de poder. O tal Antonio Rosa da Conceição, individuo sujo e prejudicial á sociedade a todos os respeitos, por cuja vida e incorrectos costumes comprovados, o sogro teve, para não vêr perecer de fome a sua estremosa filha e netos, tirar-lh'os da companhia e leval-os para sua casa em Alfazeirão... Um Cesar de tal, garoto de quem tantas vezes nos temos occupado, relatando as patifarias que tem praticado, como presidente e vice-presidente da camara da Batalha, continua na mesma. Este vadio, que só pelos seus feitos vergonhosos é conhecido na sociedade, vive para ahi, sem vida conhecida e ás sopas d'um pae, que á muito, devido ao incorrecto desempenho dos seus deveres, o seu nome devia ter desapparecido da lista dos empregados publicos. Estes dois ultimos personagens são dois vogaes da commissão do recenseamento eleitoral! Veja sr. redactor em que mãos cahiram os direitos politicos dos cidadãos de um concelho inteiro!

Aqui tem, sr. redactor, tres vultos *illustres* que aqui figuram ás ordens dos seus mandões, escrivão de fazenda e renegado Miguel de Vasconcellos expondo-os assim á irrisão e rindo-se por cima do hombro das palhaçadas dos tres saltimbancos.

Batalha, 14 de julho de 1895.

S.

## SECÇÃO LITTERARIA

### JA NÃO SOU TROVADOR

(REPRODUCÇÃO)

Não peças cantos ao triste,
que, ha muito, lyra não tem!
—Mas no mundo quem resiste
a teus pedidos?—Ninguem!—

Ninguem!—Eu mesmo deixára
esquecer a minha dôr.
De novo a lyra puisára.
Por ti fóra trovador!

O meu estro, ainda que rude,
te cantára uma canção,
louvando a tua virtude,
teu bondoso coração!

Mas eu não posso! Que importa,
me animes com teu sorrir?
A minha ventura é morta!
As horas passo a carpir!

A folha, que emmurchecera,
não póde á vida tornar!
—A flôr, que aromas perdera,
já não póde vicejar!—

Sou qual arbusto cortado,
que o sol de todo murchou.
—Sou qual musgo despresado,
que incerta mão arrancou!—

Sou, qual monge solitario,
a quem o mundo esqueceu!
—Ashavero, que um fadario,
sempre triste, percorreu!—

Sou, qual ave perseguida,
seu destino a lamentar!
—Sou, como a grama esquecida,
que ninguem quiz apanhar!—

Sou, como o triste cypreste,
que a tempestade bateu!
—Sou, qual madre-silva agreste,
que uma *silveira* prendeu!—

Sou, como o poneda bronco,
batido sempre do mar!
—Sou, como a hera sem tronco,
a que se possa abraçar!—

Já vês, que deixei meus cantos;
que já não sou trovador;
que só me restam meus cantos,
inspirados pela dôr!

Resta-me a triste saudade
dos tempos, em que vivi!
—Desde a minha mocidade,
para os cantos eu morri!—

Por isso só de tristuras
agora posso fallar!
—Tu, virgem, gosa as venturas!
A mim só resta o penar!—

Tu, que és tão jovem e bella,
não queiras os cantos meus;
que eu aos cantos; ó donzella,
disse, ha muito, um triste *Adeus!*

RANGEL DE QUADROS.

### UM PASSEIO PELOS CAMPOS ELYSEOS

Não vá o leitor imaginar que vae comnosco até Paris. Vamos muito mais longe; muitissimo mais longe, sem comparação. Os nossos Campos Elyseos são situados nas regiões onde vagueiam os *Espiritos*.

— Mas como *subiste* lá, ó misero mortal?

— Podia responder-te que é esse o meu segredo, mas não: não ha segredos n'esta época doentia, em que tudo se faz á plena luz, especialmente o que nunca deveria fazer-se. Mas não senhor; não temos duvida alguma em declarar que o nosso corpo não passou da superficie do planeta que habitamos. Foi o *Espirito*, que alando-se ás regiões ethereas nas *azas* de um *medium* de primeira ordem (não sei bem se ha ordens nos *mediuns*), surprehendeu como se estivesse proximo á meza de um café, o colloquio e discussão que rapidamente hei-de expôr depois á curiosidade leitor.

Eu estava sentado na minha modesta cama, encostado ao travesseiro, e passando pela mente aborrecida, quantas coisas me pareciam boas e apropriadas para a distrahir um momento. Fixei-me no Espiritismo.

— E' verdade o Espiritismo: que progressos que esta *doutrina* tem feito. E não são sómente credulos ignorantes que a partilham ou que se filiam na seita. Ha mesmo homens de valor, pessoas illustradas que gosam lá fóra a reputação de serias. E vieram-me á idéa as ultimas paginas do esplendido livro —*A Inglaterra*—do emimente publicista Oliveira Martins.

— Sim, senhor, Oliveira Martins não chasquea do Espiritismo. Esta é que é a verdade.

Não o defende, não o inculca, mas não o escarnece. A *miss* que olha os *descrentes* com piedade, se lhe não causa admiração, impõe-lhe um certo respeito. Talvez Oliveira Martins fosse um incredulo. E como o espirito humano não póde existir sem fé, sem crenças, quando as não tem verdadeiras, quando não crê nas que a Religião ensina, pede-as tristemente á *superstição*. E' talvez uma lei psycologica. Não crer no *espiritualismo*, para crer no *espiritismo*; não acreditar na immortalidade da alma, para acreditar na sobrevivencia da *sombra*, do espectro, do espirito do triste que se finou...

Eu sei lá se é isto...

Mas eu não queria discutir o espiritismo, de que não entendo nada, leitor; eu que via apenas dizer-te que por um meio *inconsciente*, quer me parecer que mais ou menos *espiritista*, o meu espirito subiu, guiado pela luz de um poderoso *medium*, até ás alturas, onde pairam... não eram *sombras*; ao contrario, pareciam feitos de luz, os seres extranhos que pairavam n'aquellas luminosas espheras. Um Ser grandioso, mais brilhante que todas as estrellas juntas, parecia, que sei eu! se tudo alli era tão differente; tão extraordinariamente incomparado ao que se vê na terra—parecia presidir áquella immensa multidão de seres phantasticos, feito de Gloria, de Amor, de Caridade, de Sabedoria... e distribuidos conforme a cathegoria e essencia particular de cada um na região da luz branca mais pura que a do sol; na região da luz verde, mais extraordinaria do que a que projectaria uma montanha, mil vezes maior que as montanhas da China, se de repente se transformasse em uma immensa esmeralda a reflectir a luz de vinte soes...

— Que esplendor, disse comsigo o meu pobre espirito deslumbrado! Será a mansão dos Anjos, esta morada ideal dos Espiritos puros? Será aqui o ceu dos christãos, onde os Thronos, os Potestados, os Serafins e os Cherubins gosam uma eternidade de ventnras, cantando as glorias do Altissimo?

Mas o silencio era absoluto: não se ouviam armonias de nenhum cantico.

— E' talvez deslumbramento meu —disse commigo—por me vêr n'um planeta (?) cujas condições nada se pareciam com as da minha pobre e humilde Terra.

— Querem vêr que estou na Lua! porque na Lua não ha ar, e portanto não ha sons.

O som tambem se communica pela agua, é verdade; mas desde que não ha ar, tambem não ha agua. O ciciar da minha respiração fazia-me nos ouvidos o effeito de uma peça de artilheria, disparada a certa distancia.

— Mas a descripção que nos fazem da lua os sabios da terra não se parece nada com a lua verdadeira que estamos admirando, disse eu para o *medium* que me guiava.

— E porque dizes tu que é a lua?

— Porque o silencio aqui é completo. Não ha ar nem outro meio conductor do som.

— Se assim fosse não nos ouviriamos nós, respondeu o *medium*, ou melhor o guia. (Desculpe-me o leitor, se troco os nomes).

Aqui, continuou elle, na lua se occulta, tudo se vê e se ouve na perfeição: mas as condições do som ou da voz é que são essencialmente differentes. Na terra, para fallar, é preciso ter bocca, ter lingua, ter pulmões, ter cerebro, ter ar... e tudo isto combinar na articulação dos sons, na pronunciação das palavras. Nada d'isto é cá preciso; são outros os *sons*, outras as *palavras*, outra a *intelligencia*, absolutamente differente emfim a *maneira*, como diriamos na Terra, de cada um se fazer comprehender. Livre das prisões da *materia*, o homem, ou antes a alma vem completar-se a estas regiões da Luz, onde o crime e a mentira são impossiveis. Na Terra os sentidos são apenas 5 ou 6, quando muito; os do Espirito, n'esta divina mansão dez, elevados a um gráo tal de intensidade, que nem saberias mesmo medir-lhe o alcance. Imagina que novos horisontes, que infinidade de phenomenos, de relações te serão absolutamente vedados! E orgulha se lá em baixo o homem da sua vasta (!) sciencia, tendo apenas como instrumentos ao serviço da sua pobre intelligencia, 5 miseros sentidos!

— Se me fosse permittido ver e ouvir ao menos o minimo do que está patente a Espiritos; tão pouco emfim, como poderia comprehender na Terra, se lá se pudessem representar algumas d'estas magnificencias, disse eu...

— Concedido, disse uma voz tão deslumbrante, tão arrebatadora, que o canto de todos os rouxinoes que se tem ouvido na Terra, nem da *sombra* de uma nota sua nos dariam sequer idéa.

Como teve rasão aquelle fradinho

que esteve uma vez n'um bosque a ouvir cantar um rouxinal 300 annos e pico, e que quando voltou ao convento, imaginava que não tinha estado ausente mais do que uma hora! Que prodigios! O que eu poderia contar-te leitor, se quizesse dizer um quasi nada que fosse, do que lá vi e ouvi. Coisas mesmo para ti tão extraordinarias, que com certeza as não acreditarias, se te fossem contadas n'outra occasião. Por exemplo: um grupo brilhante como luzeiros.

— Quem são, perguntei ao guia?

E' dos que nos ficava mais proximo aquelle grupo.

— E' o imperador Guilherme da Allemanha, o principe Frederico Carlos, o general Moltke, Napoleão III, Thiers, Gambeta, Mac-Mahon, o conde de Paris... Aquelle logar vago é com certeza o de Bismarck.

Que sublime assumpto escolheram n'aquelle momento para conversarem todos: a Paz... Mas este artigo já vai grande. Fique em paz o leitor, que para a outra vez lhe contaremos o que ouviamos ao *Espirito* d'aquelles grandes luminares da Terra, na mansão da verdade e da justiça, onde a mentira e a hypocrisia são incomprehensiveis. *Osindo.*

## NOTICIARIO

**Conselheiro José Luciano.**—E' esperado por todo este mez, em Anadia, o sr. Conselheiro José Luciano de Castro, illustre chefe do partido progressista, e sua ex.ma familia.

**Regresso.** — Regressaram hontem da sua casa da Oliveirinha a Lisboa os srs. desembargador Francisco de Castro Mattoso Corte Real e seu sympathico e illustrado filho, sr. Francisco da Graça Mattoso Corte Real. Durante a sua estada no seu sollar, suas ex.as foram constantemente assistidas das suas relações n'este districto, que são importantes.

**Notas da carteira.**— Partiram para Oliveira d'Azemeis o sr. capitão de cavallaria Leopoldo Pinto Bastos, sua ex.ma esposa e filhos.

— Estiveram aqui na semana finda os nossos bons amigos, srs. José Luciano Côrte Real e Soares d'Albergaria.

— Está em Aveiro o sr. Manuel Firmino de Vilhena Magalhães, filho do nosso illustre amigo, sr. dr. Barbosa de Magalhães.

— Regressou já do Gerez á sua casa de Pardelhas, o nosso muito presado amigo, sr. Antonio José de Freitas Guimarães, capitalista e commerciante de muito credito.

— Tambem regressou das thermas da Amieira á sua residencia d'Arrifana, o muito digno abbade da freguezia e nosso muito presado amigo, sr. Manuel d'Oliveira e Costa.

— Tem passado gravemente incommodada de saude, em S. Pedro do Sul, para onde partira ha dias, a sr.a D. Jeronyma Pereira da Cruz, esposa do nosso honrado amigo, sr. José Antonio Pereira da Cruz.

— Está com uma angina, de cama, a sr.a D. Maria dos Prazeres Regalla, esposa do illustrado medico d'esta cidade, sr. dr. Luiz Regalla.

— Está tambem com um incommodo de garganta a sr.a D. Laura Regalla de Mendonça, esposa do sr. João Augusto de Mendonça Barreto.

Fazemos votos pelo restabelecimento de todos.

— Esteve aqui o considerado jornalista lisbonense, redactor do *Portugal e Brazil*, sr. Ignacio de Moraes Mendes.

— Passa aqui brevemente para o Gerez o nosso muito presado amigo e esclarecido collaborador, sr. Elysio Freire d'A. Pessca.

— Regressaram de Luzo os srs. Mendonça Barreto e sua esposa.

— Está alli, com sua familia, o sr. Francisco da Silva Ribeiro, digno director das obras publicas d'este districto.

— Partiu para Penacova o sr. Luiz de Mello Guimarães.

— Estiveram aqui ha dias os srs. dr. Abilio Pereira Pinto, d'Agueda, e dr. Bernardo Faria de Magalhães.

— Partiu ha dias para os Cucos o sr. Jorge de Faria e Mello.

— Da sua casa d'Arouca, regressou a esta cidade, o nosso bom amigo e digno recebedor d'esta comarca, sr. Manuel de Souza e Brito.

— Passou no dia 7 do corrente o anniversario natalico da sr.a baroneza da Recosta, e a 12 o do sr. barão do Cadoro. Aos illustres titulares os nossos parabens.

— Peiorou, infelizmente, hontem o sr. Manuel Gonçalves Netto, aggravando-se muito a erisipella que o accommetteu. Fazemos votos pelas suas promptas melhoras.

— No dia 14, completou 15 primaveras a sr.a D. Maria Luiza Rangel de Quadros Monteiro Rebocho, sympathica e intelligente filha da sr.a D. Maria Clementina Monteiro Rebocho e do nossso estimavel e já fallecido amigo o sr. Alfredo Rangel de Quadros. Os nossos parabens.

— No dia 15 fez annos a sr.a D. Amelia A. Rebocho Freire e Albuquerque, uma das senhoras mais respeitaveis e intelligentes da sociedade aveirense. As nossas felicitações.

— Fez exame de philosophia e ficou plenamente approvado, o sr. Annibal Peixoto Belleza, um dos estudantes mais applicados do Lyceu d'esta cidade e membro de uma das mais distinctas familias do districto do Porto. Os nossos parabens.

— Esteve hontem em Aveiro o nosso bom amigo e digno secretario da camara d'Oliveira d'Azemeis, sr. Agostinho Nunes da Silva.

—Estiveram tambem hontem n'esta cidade os nossos amigos srs. Alvaro Dias, muito digno director do Collegio de Nossa Senhora da Ajuda em Espinho, e José Agostinho Gradim, honrado proprietario em Esmoriz.

**Feliz união.** — Uniram-se hoje duas almas d'eleição. Foram a ex.ma sr.a D. Amelia Ferreira, presada e virtuosa irmã do nosso estimado amigo, o revd.o sr. Manuel Ferreira Pinto de Souza, dignissimo arcypreste, com o sr. Alberto Carlos da Paixão, um distincto official do exercito e perfeito cavalheiro. Aos noivos desejamos todas as venturas de que são dignos pelas elevadas qualidades que enaltecem o seu caracter.

**Transferencias.**—Tendo terminado o seu sexennio na comarca d'Oliveira d'Azemeis, acaba de ser transferido para a comarca de Extremoz o integerrimo juiz de direito, dr. Joaquim Antonio Coelho da Rocha. Magistrado que sabe desempenhar as funcções do seu cargo com toda a imparcialidade e inteireza de caracter, deixou alli fundas saudades.

Para o seu lugar foi transferido, a seu pedido, o juiz de direito de Extremoz, sr. dr. Salgado Carneiro, que é tambem um magistrado dignissimo.

**Inspecção.**—Estão n'esta cidade o sr. Eugenio Augusto Cardoso do Amaral, coronel d'artilheria, inspector do material de guerra na 2.a divisão e o seu ajudante, sr. tenente Silva Senna. Veem em serviço d'inspecção ao material de guerra do regimento de cavallaria n.º 10.

**Cavallaria 10.**—Regressou já ao seu quartel n'esta cidade, a força do regimento de cavallaria 10 que havia partido em diligencia para Estarreja, sob o commando do tenente sr. Dantas Figueiredo.

-- Já está n'esta cidade o sr. Pessoa, capitão collocado em cavallaria 10, pela promoção a major do sr. Arnaut Peres.

**Doença.**—Tem passado ultimamente bastante incommodada de saude, inspirando cuidados o seu estado, a sr.a D. Maria das Mercês Ferreira da Cunha, filha do nosso respeitavel amigo, sr. conselheiro José Ferreira da Cunha e Souza.

**Luto.**—Está de luto o honrado commercio do Porto.

O sr. barão de Massarellos não é já do numero dos vivos. Nobre por tantos titulos, o illustre nonagenario deixou a existencia, legando aos seus e á terra que lhe foi berço um nome honrado—verdadeiramente impoluto.

Falta de espaço para dizer do illustre extincto quanto era dever nosso dizer por isso que possuimos as suas relações e a sua amizade, consignamos aqui, pelo facto, a nossa dôr que é intensa.

**Fallecimento.** — Morreu no dia 10 em Lisboa o sr. padre José Marques, beneficiado da Sé Patriarchal e antigo beneficiado da Sé da (extincta de facto) diocese de Leiria. Era um ecclesiastico illustrado e muito virtuoso. Em Leiria, onde nascera, exerceu, além d'aquelle cargo, o de sachristão-mór da Sé, professor de cantochão e outros cargos. Prestou alli grandes serviços á Ordem Terceira de S. Francisco e á irmandade dos Passos, e foi por algum tempo capellão da Mizericordia.

Era um cidadão estimavel e prestante e muito amigo dos seus parentes, a quem sempre protegeu com os poucos recursos de que podia dispôr.

A todos os seus enviamos a expressão do nosso sentimento. Em Leiria foi muito sentida a morte do sr. padre José Marques. Paz á sua alma.

**Exames.**—No collegio militar, fez ha dias exame da cadeira de sciencias naturaes, ficando approvado com distincção, o estudioso alumno d'aquelle estabelecimento e nosso conterraneo, sr. Egas Ferreira Pinto Basto.

**Festividade do Corpo de Deus.**—O templo de Nossa Senhora da Gloria apresentou effectivamente no domingo uma decoração brilhante e elegantissima, devida ao bom gosto e mestria do habil armador d'esta cidade, o sr. José Luiz Bernardes. Os sermões, confiados aos noveis oradores os revd.os srs. Valente e Carvalho estiveram á altura dos seus creditos; e a procissão ia numerosa e com aceio, levando 15 anjos.

**Primeira communhão.**— Hontem effectuou-se no historico templo de Jesus a primeira communhão das alumnas do collegio de Santa Joanna. De manhã, ao acto da communhão, houve uma tocante pratica pelo sr. dr. José Senibaldi. Pelas seis horas da tarde o mesmo intelligente orador fez outra pratica, tomando por assumpto a consagração dos corações das jovens aos corações de Jesus e Maria, tomando para medianeiro S. Luiz Gonzaga, protector da mocidade estudiosa. Em seguida foi cantada a ladainha de Nossa Senhora e terminou o acto por a benção e encerração do Santissimo Sacramento.

**Nossa Senhora do Carmo.**—Hontem foi o dia d'esta invocação. Por isso na egreja de S. João Evangelista (Carmelitas) houve missa cantada em honra da Virgem da mesma invocação. Todo o dia esteve o templo aberto e foi visitado por grande numero de fieis, que podiam alcançar um jubileu como o da *porciuncula*.

**Novenas.**—A'manhã começam na egreja, que fôra Sé, as novenas em honra do Santissimo Coração de Jezus. A respectiva festividade é no domingo, 28 do corrente. Tanto a festividade como as novenas, são a expensas da Associação do Coração de Jezus, auxiliada com as esmolas de alguns devotos.

**S. Thomé.**—Algumas devotas não querem, que este santo deixe de ser festejado, como outr'ora o fôra, na capella de S. Roque. E, por isso, tem tratado de pedir algumas esmolas, para a respectiva festa, que será em 25 do corrente, dia do Apostolo S. Thiago. Consta-nos que será orador o sr. coadjuctor da freguezia da Gloria.

**Theatro Aveirense.** —Voltou, no domingo ultimo, ao nosso theatro, a aplaudida companhia do *Principe Real* de Lisboa, levando á scena a obra magistral de Alexandre Dumas, a *Dama das Camelias*.

A magnifica impressão produzida no publico aveirense pela excellente apresentação da companhia n'esta cidade, levou ao theatro, n'essa noite uma concorrencia regular, que maior seria se com a antecedencia necessaria se tivesse annunciado o novo espectaculo. A direcção recebeu no sabbado, quasi á noite, o telegramma de participação. Não houve, pois, tempo para toda a cidade conhecer da resolução que a trazia aqui de novo, e pena foi que assim succedesse, porque o nosso publico é brioso quando quer sêl-o, e, porque a companhia o merece, pois é, com a de D. Maria, o melhor que ahi tem vindo, teria correspondido por fórma digna á sua gentileza.

Aveiro sabe apreciar devidamente o merito artistico, onde quer que elle esteja. Na companhia do *Principe*, de Lisboa, que tem dos mais apreciaveis artistas portuguezes, ha tres figuras salientes, tres personagens distinctos, que se evidenciam na scena por fórma superior a todo o elogio. Honrando o seu nome, elles illustram tambem o nome do seu paiz. São, no genero, o que Aveiro tem visto, com os artistas do theatro normal, de maior merecimento: Adelina Ruas, Ernesto Valle e Pato Moniz. Verdadeiros artistas, que a plateia se não cançava de applaudir, a noite de domingo ultimo foi para elles um triumpho. De toda a salla irrompiam, com sincero enthusiasmo, os mais vivos aplausos. Por vezes os dois primeiros foram interrompidos. E' que até n'elles a expressão do sentimento fallava. No 3.º acto, o dialogo de Adelina com Luciano foi, por parte d'esta, surprehendente. A sua despedida de Valle, nos dolorosos transes d'um derradeiro adeus de apaixonados, simplesmente admiravel. A aproximação da morte da tysica, no 4.º, os ultimos estertores da moribunda, a sua morte serena, quasi feliz pela apparição e pelo arrependimento de Armando, naturalissima, d'uma verdade commovente até ás lagrimas, d'uma perfeição inegualavel, revelladora de muito estudo, muito talento e verdadeiro amor á arte.

Ernesto Valle teve scenas de inexcedivel merito. E' um artista na mais perfeita significação da palavra.

Em resumo, a *Dama das Camelias* teve um desempenho brilhante por parte dos seus dois principaes interpretes. Na salla fazia-se um silencio extremo sempre que os dois appareciam, interrompendo-o apenas as aclamações geraes nos lances mais profundamente dramaticos e sempre admiravelmente comprehendidos e desempenhados.

A companhia captou aqui a sympathia de todos os que a viram. E' provavel porisso que volte, e então terá, certamente, uma enchente completa.

**Uma regata.** — Sabemos que a florescente agremiação do *Gymnasio Aveirense*, que já tantos e tão bellos divertimentos tem proporcionado aos habitantes d'esta cidade, vae promover uma regata, para o proximo mez d'agosto, andando já a trabalhar nos preliminares da sua realisação. Louvamos e muito a iniciativa dos socios do *Gymnasio* em chamarem a attenção do publico para a nossa ria, essa formosa bacia, tão apreciada pelos estranhos, e quasi esquecida pelos naturaes.

**Um intrujão.** — Tem ahi andado e não sabemos se ainda anda, um intrujão encasacado, de cartola e luvas e fumando charuto. Bate a qualquer porta e faz-se annunciar com o nome de Coronel Fulano e diz que deseja fallar ao dono da casa. Se este lhe apparece e o trata por o sr. coronel, o intrujão declara que por certo houve equivoco da parte do creado ou creada, pois elle não é o coronel Fulano, mas sim filho do coronel Fulano, que prestou grandes serviços á patria, e que «elle (intrujão) precisa de alguns recursos para se transportar ao Porto, para onde fora despachado para um logar da policia; que tem de partir no mesmo dia ou no seguinte e que por isso não pode demorar-se; que ao mesmo tempo estima o ter de sair d'aqui, porque esta gente d'Aveiro tem sido para com elle pouco delicada; que as damas d'Aveiro mostram que não tiveram educação; que lhe tem valido a philantropia d'alguns cavalheiros, que para as despezas do mesmo intrujão teem concorrido com 500 reis, com um, dois, tres ou quatro mil reis, etc., etc.»

Quando vê que não faz *negocio* com tal palavriado, diz que pede qualquer coisa, ao menos cinco tostões; mas que se lhe derem dois tostões ou ainda 100 reis, tambem acceita só para ter a honra de levar uma esmola, dada por o dono da casa ou por pessoa d'aquella familia, se na casa não está o respectivo chefe. E assim vae este *heroe* de vida airada passando á grande e fumando charutos á custa alheia, sem trabalhar e passeiando por ahi. Bom seria que a policia lhe *deitasse os gatasios* e averiguasse quem é o tal *sr. Coronel*.

Aviso aos incautos.

**Escola de desenho industrial.**—Devem começar ámanhã os exames na Escola de desenho industrial d'Aveiro. São bastantes os concorrentes.

**«Algarve e Alemtejo».**—Em continuação do *Progresso do Sul*, appareceu o *Algarve e Alemtejo*, que é aquelle nosso estimavel collega reformado, melhorado pelo formato e pelo n.º variado e escolhido de secções que insere. Felicitando-o, cremos que o *Algarve e Alemtejo* continuará as honrosas tradições do *Progresso do Sul*.

**«Os Successos».**— Entrou no 7.º anno da sua publicação, este nosso estimavel collega local. Cumprimentamol-o com prazer.

**Doenças.**—Não é bom, actualmente, o estado sanitario da cidade. Ha por ahi muitas doenças, sem caracter de gravidade felizmente, predominando as anginas.

— De Anadia dizem-nos tambem que não é alli bom o estado da saude publica. Acham-se muitas pessoas atacadas de sesões e outras doenças de pouca gravidade.

**Novo horario.** — Ainda não começou a vigorar o novo horario de verão, dizendo-se agora, que só ámanhã é que principia.

**Epoca balnear.**—Já se acham algumas familias a veranear na praia do farol da barra d'Aveiro, e consta-nos que n'este anno será alli muito mais animada a epoca balnear, estabelecendo-se tambem um bom hotel, com bilhares etc.

**Tempo.**—Está um tempo mais regular e mais proprio da estação, por que felizmente cessaram as tardes ventosas. Se na força do dia está um calor mais intenso, depois das cinco horas da tarde gosa-se de uma temperatura agradavel e que nos convida a darmos um passeio pelo campo.

**Mercado de gado.**— Não está por preços tão baixos como se tem dito, o gado bovino. Gado limpo, bom gado de trabalho paga-se por bom preço, e tanto que nas ultimas feiras não se comprou gado de trabalho em razoaveis condições por menos de 32 a 35 libras. Ora isto não são preços baixos nem mesmo favoraveis.

**Noticias vinicolas.** — As que temos do alto districto são as mais lisongeiras. Estiveram aqui hontem alguns dos mais opulentos proprietarios de Cambra, e informaram-nos de que é alli extraordinaria a producção vinicola do anno. Vinho abundante, limpo inteiramente de molestia; quem o tem velho precisa vendel-o para aproveitar as vasilhas na guarda da futura colheita. Disseram-nos aquelles cavalheiros que não ha por alli recordação de tão extraordinaria abundancia e em taes condições de sanidade. Em consequencia d'isso, o vinho velho desceu já para 1$100 reis a medida de 20 litros, esperando-se que ainda desça mais.

Os milhos tambem por alli estão bons, não deixando nada a desejar.

**Serviço de pesca.**—O mar continua a permittir o trabalho, sendo a pesca boa sardinha. O resultado do trabalho d'este anno, que correu mal em maio, foi em junho bom, e no mez corrente tem sido tambem razoavel. Não ha, pois, motivo de queixa. As companhas que trabalham na Torreira, S. Jacintho e Costa Nova teem, com raríssimas excepções, saldo a favor muito razoavel. As pescas de hontem venderam-se no mercado por 2$000 e 2$250 reis o milheiro.

**As salinas.**—Estão em plena producção as salinas da nossa ria. E' pequenissima por emquanto a quantidade de sal colhido, nem ha esperança de que venha a ser grande a colheita d'este anno. Preço por emquanto não tem, porque poucas marinhas terão já colhido quantidade vendavel. E pelo que se vê nem proprietarios nem marnotos teem pressa de vender, por isso que se espera que o que se fizer dê bom preço. Em sal velho poucas transacções se teem effectuado n'estes ultimos dias. E' que todos esperam ver o que faz o anno no que agora se está produzindo.

**Uma innovação.** — Ha muitos annos que os marnotos para ultimarem os trabalhos dos taboleiros das marinhas, usam empregar um barro, que denominam—*andua;* mas no anno passado um proprietario, que é pessoa muito entendida e inventôra de novos systemas nos terrenos da ria, dispensou na sua marinha o emprego da andua, fazendo assim uma economia; e sabemos que já n'este anno alguns marnotos lhe seguiram o exemplo; devendo se mais esse importante serviço áquelle nosso amigo, que é tambem um benemerito por muitos titulos.

**Incendio.** — Dizem-nos da Covilhã, em data de 15:

A noite passada um incendio reduziu a um monte de ruinas a fabrica de lanificios de Ramito Mesquita. O incendio principiou com tal intensidade, sendo impotentes os soccorros, que quando chegaram ao local já toda a fabrica estava n'uma chamma. São insignificantes e os prejuizos enormes, approximamente cincoenta contos, sendo os lanificios promptos vinte contos, a fabrica vinte e cinco conto e as lans cinco contos: nada estava seguro. O ataque limitou-se a que não se propagasse o incendio á fabrica de Nunes Souza e Filhos e á casa de teares que ficava fronteira á fabrica incendiada. Fez-se sentir muito a falta de agua. Os bombeiros voluntarios prestaram bons serviços, trabalhando no rescaldo até ás 9 horas da manhã. Não ha desgraças a lamentar, apenas ligeiros ferimentos que foram pensados na ambulancia dos voluntarios. Ficaram sem trabalho, approximadamente com operarios. A's 3 horas da madrugada houve tambem principio de incendio n'uma pequena casa junto da fabrica de Campos Mello e Irmão, sendo promptamente extincto por guardas da fabrica e outras pessoas; os prejuizos são insignificantes. A torre da egreja do Coração de Jesus não deu o signal de soccorro; a auctoridade competente deveria remediar essa falta que muito se faz sentir.

Tambem na quinta do Lamaçaes, propriedade do sr. Joaquim Jose Amaral, arderam algumas casas e parte da capella da mesma quinta; os prejuizos são elevados.

**Morto por um raio.**— Na Torre d'Ervededo, povoação do concelho de Chaves, houve no domingo uma violenta trovoada. Um raio fulminou o abastado lavrador sr. Paulo Soares, sobrinho do fallecido conselheiro Moraes Soares. O sr. Paulo Soares foi fulminado na occasião em que andava no campo a regar um feijoal. A sua morte foi geralmente sentida.

### CARTA DE MACIEIRA DE CAMBRA

15 DE JULHO DE 1895.

Realisaram-se com grande luzimento, na freguezia de Roge, nos dias 13 e 14 os festejos a Santa Izabel. Concorreu para isso, muito principalmente, a iniciativa do nosso amigo, rev.º sr. Manuel Tavares d'Amorim, prior d'aquella freguezia, coadjuvado pelo auxilio que lhe prestaram os rev.os Antonio T. C. e Pinho, Francisco Tavares de Souza e alguns outros seus amigos. O principal dia de festa foi no dia 13, em que esta foi abrilhantada pela funcção da primeira communhão, dada a umas cem creanças d'ambos os sexos. E' de admirar o modo como todas se apresentaram, tanto relativamente a trajes que eram brancos e muito decentes, como relativamente ao modo como desempenharam todas as ceremonias que o incançavel parocho com muito zelo lhes tinha ensinado. A esta cerimonia subiu ao pulpito o nosso amigo sr. prior de Macieira, que, n'uma breve mas brilhante allocução, mostrou a necessidade da educação moral e religiosa como fundamento inhabalavel da familia e portanto da sociedade, deixando o auditorio verdadeiramente commovido. A' missa orou o revd.º Antonio Tavares Coelho e Pinho; á tarde o revd.º Francisco T. de Souza, depois do que sahiu a procissão, com pompa ainda aqui não excedida. Realisada esta e depois de anoitecer subiram as musicas para os coretos onde se conservaram até ás 3 horas da manhã do dia seguinte, executando as melhores peças do seu reportorio.

Não podemos deixar de dar os parabens á musica cambrense que, segundo os entendidos, tinha excedido a outra na afinação, harmonia e bom gosto na execução.

Entre a muita gente que alli vimos e que impossivel seria mencionar, lembra-nos ter visto as ex.mas sr.as D. Minervina A. T. de Pinho, D. Maria do C. F. Constante, D. Olympia Corrêa do Amaral, D. Brites Corrêa do Amaral, D. Emilia Amorim e os srs. Augusto C. do Amaral, estudante da escola medica do Porto; Bernardo F. G. de Pinho, Abel João Coutinho, estudante de direito; Adelino A. d'O. Coutinho, Bernardo T. de Pinho, Thomaz Corrêa do Amaral, etc., etc.

— Tem estado alguma cousa incommodado com uma bronchite capillar, o nosso amigo sr. padre Manuel Tavares de Paiva. Folgamos com o seu prompto restabelecimento.

— Em vista das irregularidades climatologicas dos ultimos dias, tem-se desenvolvido com grande intensidade o *oidium*, *marambu* e *mildiu*, o que nos leva a prever que a colheita não será tão excepcional como se esperava.

Os milhos apresentam-se, em geral, bons. C.

### CARTA DE ESPINHO

16 DE JULHO DE 1895.

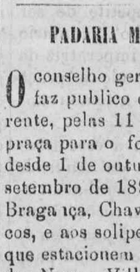
Esta formosa estancia balnear está já sendo concorrida por bastantes familias nacionaes e estrangeiras.

— Chegou hontem o sr. conselheiro Antonio M. Corrêa de Bastos Pina, irmão do sr. bispo-conde.

— Lavra aqui justo desagrado por a companhia real não estabelecer para esta praia, durante a epoca balnear, bilhetes a preços reduzidos, conforme fizera para outras de inferior importancia.

Não comprehendemos a excepção e pedimos providencias á companhia.

— Abre ámanhã o elegante café Madrid, do sr. Miguel Gomes da Silva, cavalheiro estimadissimo pelos seus dotes pessoaes. Este estabelecimento é um dos melhores de Espinho e apresenta serviço esmeradissimo.—A. D.

PARA PROTEGER A EPIDERME CONTRA as influencias perniciosas da atmosphera, para conservar ou dar ao rosto frescura, mocidade e macieza é indispensavel adoptar para a toilete diaria

**O CREME SIMON**

Preparado com glacerina, e a sua acção efficaz e benefica é tão rapida e tão evidente, que não ha ninguem que use uma vez que não reconheça immediatamente as suas grandes virtudes. J. SIMON, 13, rua Grange-Batelierè, Paris.

Vende-se em todas as perfumarias, drogarias e pharmacias.

Por grosso, 159, rua dos Sapateiros, 1.º, direito, Lisboa.



CICLES «IMPERATOR»—Dugour & C.a, constructores, 81, faub. St. Denis, Paris. Mesmos preços que em grosso. Bicyclettas 1895 grossos tubos esmerados occos 200 fr. Magnificos pneumaticos extra 225 fr. Catalogo gratis e artigos mechanicos.

**CASA DE MODAS**

LOPES DE SEQUEIRA & COMPANHIA

285, 287, 289, 291, 293—RUA DO OURO

LISBOA


## ANNUNCIOS


**PADARIA MILITAR DE LISBOA**

O conselho gerente da dita padaria faz publico que no dia 30 do corrente, pelas 11 horas da manhã abre praça para o fornecimento de palha, desde 1 de outubro de 1895 até 30 de setembro de 1896, ás succursaes em Braga ça, Chaves, Elvas, Porto e Tancos, e aos solipedes de forças militares que estacionem ou transitem em Vendas Novas, Villa Viçosa, Mafra, Torres Novas, Santarem, Penafiel, Amarante, Exremoz, Evora, Castello Branco, Alcobaça e Aveiro.

Para Bragança, Chaves e Castello Branco só são acceites propostas offerecendo feno e para as restantes localidades palha de trigo.

Estão patentes n'este estabelecimento as condições da arrematação, das quaes se fornece copia a quem a pedir, e podem tambem ser vistas nas referidas succursaes e nas secretarias dos corpos, suas fracções etc.

Padaria Militar de Lisboa, 13 de julho de 1895.

O secretario,
*Pedro Eusebio d'Oliveira.*

**CENTRO COMMERCIAL VELOCIPEDICO**

R. MARTINS DE CARVALHO

*43—RUA DA SOPHIA—45*

**Coimbra**

O maior e mais variado sortido em Velocipedes para alugar e vender. As melhores machinas do mundo para Familia, Alfaiate, Sapateiro e Correieiro e bem assim as celebres machinas oscilantes e para fazer meia, e estas as mais completas. As vendas d'este artigo fazem-se a prestações de 500 réis semanaes. Pianos dos melhores auctores, para alugar e vender. Carros para passeio de creanças. Objectos electricos. Oculos e lunetas. Relogios para sala e despertadores. Concertam-se machinas, velocipedes, oculos e lunetas, instrumentos musicos, etc., etc. Responsabilidade por tudo o que sahir d'esta casa. Vendas a prestações ou a prompto pagamento com vantajosos descontos.

Encarrega-se da venda de instrumentos pelo catalogo e preços da fabrica.

## ARREMATAÇÃO

NOS autos de inventario orphanologico a que pelo cartorio do 2.º officio se procede por fallecimento de Luiza Rosa Calmôa, viuva de Manuel Rodrigues da Paula, moradora, que foi, em Aveiro, por deliberação do conselho de familia e accordo dos interessados, vae á praça, pela 2.a vez, no dia 28 do corrente mez, por 11 horas da manhã, no tribunal judicial d'esta comarca, a fim de ser arrematado por quem mais offerecer o seguinte predio:

Uma morada de casas terreas, na rua de S. Roque, em Aveiro, no valor de 300$000 réis.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos.

Aveiro, 16 de julho de 1895.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,
*Mello.*

O escrivão,
*Silverio Augusto Barbosa de Magalhães.*

## LOTERIA

SEGUNDO o regulamento, os compradores de 10 bilhetes inteiros teem uma commissão de 3 °|o. Os cambistas e vendedores ambulantes teem uma commissão de 2 °|o quando comprem menos de 10 bilhetes inteiros.

Dos bilhetes não se poderão abrir cautelas superiores a 80 °|o das fracções originaes nem inferiores a 50 réis.

Como medida policial incumbida á Santa Casa as cautelas serão selladas com um carimbo especial, **carimbo que não garante o pagamento da cautela,** mas só indica que o bilhete não foi aberto em maior numero de cautelas do que aquellas que comportava.

Os bilhetes ficam depositados na Santa Casa, só até o dia de extracção, servindo á repartição do carimbo como documento que comprova a sua subdivisão.

O pagamento do premio maior effectua-se no proprio dia da extracção, e os outros premios nos dias seguintes.

**O pagamento das cautelas premiadas é exclusivamente da responsabilidade do cambista emissor.**

Lisboa, 25 d'abril de 1895.

O secretario,
*José Murinello.*

## AS HERNIAS

(RUPTURAS)

As pessoas affectadas d'esta terrivel enfermidade, vivem n'um perigo constante se não usarem um apparelho-funda perfeitamente apropriado para as rupturas de que padecem. **Uma funda** impropria da ruptura de que se soffra, faz com que esta se desenvolva e se torne n'uma ruptura escrotal e até mesmo epiplosa, o que occasiona atrozes soffrimentos e ás vezes a morte.

Se quereis livrar-vos d'esse incommodo e perigo, seja qual fôr o estado de vossas hernias (rupturas), **dirigi-vos com toda a confiança** á casa especialista em apparelhos orthopedicos e fundas, de Camillo Martins de Araujo, o qual, com verdadeiro e profundo conhecimento d'esses males, vos fará e applicará fundas de sua especialidade, **que curam a muitos** e preservarão a outros do perigo em que vivem.

**Não confundir esta casa com outra. Esta é a segunda,** ao cimo da rua de D. Pedro, 141, proximo á Cancella Velha; leia-se na taboleta o nome de

*CAMILLO MARTINS D'ARAUJO*

**Porto**

MARCA REGISTADA

Grande exploração de productos de laticinios. Manteiga de purissimo leite, fabricada pelos mais modernos processos.

*N. B.*—Esta manteiga entra no mercado para combater a ruinosa e perigosa concorrencia das margarinas estrangeiras, e dos productos mal fabricados no paiz, vendendo-se por um preço altamente vantajoso para o publico.

Garantia escrupulosa no fabrico, e na pureza do producto, eis o ideal d'esta empreza.

Pede-se aos nossos consumidores que se acautellem com as imitações das marcas, d'outras emprezas.

Deposito em Lisboa na Calçada do Marquez d'Abrantes, 8, á venda nos Grandes Armazens do Chiado e em varias mercearias. No Porto, Rua das Flores, 124, e nas principaes mercearias, confeitarias e lojas de chá.

Em Aveiro no estabelecimento do sr. Domingos Pereira Guimarães, rua de José Estevam.

Todos os pedidos devem ser dirigidos a

**Cannas Affonso & C.a**

PRAIA D'ANCORA

**FUNDIÇÃO DO OURO**

PORTO

Na Fabrica da Fundição do Ouro, existem em boas condições de venda:

1 Machina lythographica systema **Allousét.**

1 Machina e caldeira de vapor, locomovel, systema **Pantin** da força de 4 a 5 cavallos.

1 Dita. idem, idem, vertical, da força de 6 cavallos uteis.

1 Dita, idem, idem, horisontal, **Pantin,** locomovel, semi-fixa, de 6 a 8 cavallos de força util.

1 Dita, idem, idem, idem, **Pantin** de 10 cavallos effectivos.

1 Dita, idem, idem, idem, de 15 a 20 cavallos effectivos.

Fogões de cosinha de fogo circular, de grandes e pequenas dimensões, os mais economicos em combustivel, que se conhecem.

Bombas aspirantes e de repuxo para todas as profundidades e alturas, **e prensas para azeite.**

Estanca-rios com bombas aspirantes e de rosario de variadas proporções.

Charruas **S. S.** as mais uteis até hoje conhecidas.

Porto 15 d'abril de 1895.

O director gerente,
*Luiz Ferreira de Souza Cruz.*

PULVERISADORES

**CALDA BORDALEZA EM PO**

SULFOSTEATITE

ENXOFRE CUPRICO

VENDE-SE tudo garantido, por preços commodos, na loja de Manuel Maria Amador em

**Alquerubim**

## LOTERIA

A commissão executiva da loteria da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, incumbe-se de remetter qualquer encommenda de bilhetes ou decimos, logo que ella seja acompanhada da sua importancia e do seguro do correio.

Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

Remettem-se listas a todos os compradores.

Lisboa, 18 de dezembro de 1894.

O secretario
*José Murinello.*

## CENTRO COMMERCIAL E VELOCIPEDICO

43—RUA DA SOPHIA—45

**COIMBRA**

O proprietario d'este Centro, tem o prazer de communicar aos distinctos velocipedistas de Portugal, que acaba de tomar a representação da Bicyclete **Raleigh,** a que mais premios tem obtido no mundo. Esta Bicyclete, é d'uma construcção elegante e solida, reunindo os mais recentes aperfeiçoamentos até hoje conhecidos. E' veloz, suave, e d'uma elegancia admiravel.

Tambem ha um deposito enorme em bicycletes d'aluguer, as quaes aluga por horas, dias, ou mezes, havendo contractos especiaes em quaesquer dos casos.

Deposito de machinas de costura para familias, alfaiates, sapateiros, e correeiros. Deposito de pianos dos melhores auctores, para alugar e vender. Artigos electricos, oculos e lunetas.

Todos os artigos d'este Centro, são vendidos a prestações ou a prompto pagamento, á vontade dos dignos freguezes, devendo os contractos dos pianos serem liquidados em 36 mezes, bicycletes em 18 mezes, machinas a 500 réis semanaes. Os contractos n'este Centro são feitos com a maior lizura e sem juro de capital.

**43 — Rua da Sophia — 45**

COIMBRA

**FUNDIÇÃO DE FRADELLOS**

DE

**PRAÇA & FILHOS**

PORTO

CONSTRUEM motores hydraulicos, coberturas metallicas, prensas para vinho e azeite, bombas e estanca-rios, portões e grades, linhas d'eixos e polias, columnas e tubos de ferro, guindastes e guinchos, motores para vento, reparações em machinismos e outras obras.

**PAPIER WLINSI** Remedio soberano para a cura rapida de *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamento, defluxo, rheumatismo, dôres, etc.;* 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito em todas as pharmacias.—Em Pariz, rua de Seine, 31



PROPRIETARIO E RESPONSAVEL

MANUEL FIRMINO D'ALMEIDA MAIA

*Typographia Aveirense,* Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.